O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — QUARTA-FEIRA 3 DE ABRIL DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:259

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O dr. Barbosa de Magalhães.—Ainda o regulamento da pesca nas aguas interiores do páiz.—As charangas.—O que se passa nas secretarias d'Estado!—Conflicto grave.—Estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—O caso Urbino de Freitas.—Folhetim: Os Crentes.—Regulamento geral dos serviços agricolas nas aguas interiores do paiz.—Carta de Vagos.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

O dr. Barbosa de Magalhães

Como dissémos no nosso n.º anterior, *Le Moniteur des Consulats*, revista hebdomadaria de litteratura, sciencias, artes, finanças, industria e commercio, publica no seu ultimo n.º, com uma explendida gravura do nosso dilecto amigo e illustre deputado, sr. dr. Barbosa de Magalhães,um brilhante artigo biographico, de que extractamos os periodos que seguem, e a que damos o logar de honra por uma bem merecida homenagem de consideração e affecto ao nosso estimabilissimo camarada:

LE DR. JOSÉ MARIA BARBOSA DE MAGALHAES

Avocat, Deputé de la Nation, Directeur du Journal Do "Correio da Tarde„ de Lisbone, etc.

O dr. José Maria Barbosa de Magalhães, de quem publicamos hoje o retrato, é um dos mais eminentes homens politicos e um dos mais illustres advogados de Portugal.

Pode dizer-se, e com razão, que elle provem da sua acção e trabalho, porque sua familia, muito honesta, mas infelizmente pobre, não poude dar-lhe mais do que uma instrucção preliminar no lyceu d'Aveiro.

Mas, porque possue uma intelligencia solida e robusta, e se dedicou, por uma maravilhosa disposição, ao trabalho e ao estudo, não devia sacrificar aos poucos meios de que dispunha esses tão preciosos germens do seu talento, e, ainda que maior fosse o sacrificio para os seus poucos recursos, Barbosa foi até ao lyceu do Porto, onde terminou os seus preparatorios depois de ter alcançado, em todos elles, as palmas dos mais honrosos triumphos.

Conseguindo, unicamente por si, entrar na Universidade de Coimbra em 1874, deixava-a em 1878, depois de ter vencido brilhantemente, anno a anno, todas as maiores distincções na faculdade de Direito.

Começa então para elle a lucta pela vida, *strugle for life*, como dizem os inglezes.

Orphão ha muito já, não podendo contar com o auxilio de ninguem para o ajudar a grangear, no melhor meio social, a posição distincta a que as suas aspirações o levavam, contando apenas com a sua coragem e com a vasta instrucção que houvera adquirido, dava lições para viver, e publicava nos jornaes esses vigorosos artigos,que tão depressa o tornaram notavel entre os que mais o são.

Entretanto, ia escrevendo algumas obras de jurisprudencia, um opusculo sobre a retroactividade das leis, um tractado sobre a solidariedade em direito civil portuguez, e um codigo eleitoral, que ainda hoje vigora.

Estas publicações, tão notaveis e apreciadas, abriram-lhe o seu gabinete d'advogado em Aveiro, sua terra natal.

Pouco depois, desposava uma filha do conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia, *Cavalleiro da Legião* d'Honra por meritos e serviços prestados á França, e chefe do partido progressista d'Aveiro.

Depois do seu casamento, entrou o dr. Barbosa de Magalhães nos prelios da politica do seu paiz como jornalista, tomando a redacção do *Viriato*, do *Progressista*, de Coimbra, e, collaborando em numerosos jornaes politicos e litterarios, escreveu sobre tudo no *Campeão das Provincias*, na *Tribuna* no *Instituto*, etc., etc. (1)

Foi successivamente governador civil d'Aveiro, membro do conselho de districto, procurador á junta geral, presidente d'um grande numero de commissões, e, o que elle considera o seu mais bello titulo de gloria, professor do Lyceu Nacional.

A sua fama, sempre crescente, de advogado, de escriptor, de jornalista, etc., devia abrir-lhe depressa o caminho para a vida politica; e, com effeito, candidato ás côrtes, foi eleito deputado da Nação, pelo partido progressista, em que se alistara.

Não descreveremos o numero de trabalhos por elle emprehendidos depois que tão dignamente representa o seu paiz na camara portugueza; apenas diremos que, com trinta e oito annos de edade, é já hoje um veterano do parlamentarismo, fixando a sua residencia em Lisboa, onde dirige com uma grande proficiencia o seu gabinete de advogado, e com um extraordinario talento o seu jornal *O Correio da Tarde*, orgão progressista o mais importante de Portugal, e com extremada dedicação se occupa de innumeras questões politicas do seu mandato de representante do povo.

O dr. Barbosa de Magalhães trabalha actualmente com vivissimo ardor em questões coloniaes e, auxiliado por um grupo de capitalistas francezes, espera colonisar uma parte da Africa portugueza, contribuindo assim para a prosperidade do seu paiz, que elle ama apaixonadamente. (2)

Mas a sua carreira politica não se limita unicamente a isto, e, alem de progressista, o dr. Barbosa de Magalhães é um fiel vassallo de Sua Magestade o Rei de Portugal, que tem um grande affecto pela gente de bem e pelas suas ideias liberaes, e se cerca dos homens de maior valor e merecimentos, de onde quer que elles venham.

J. HENDRICKS.

Ao que tão judiciosamente escreve o nosso esclarecido collega francez, muito havia ainda a accrescentar, tantos são os merecimentos intellectuaes, os verdadeiros rasgos de abnegação patriotica do nosso illustre conterraneo e os serviços por elle prestados á causa publica. Essa missão, porém, pertence á Historia, e ella o fará, por certo, inscrevendo nas suas mais brilhantes paginas o nome e os serviços do illustre filho d'Aveiro.

A nós só nos cumpre, por agora, registar com sincero jubilo este merecido preito de justiça do considerado jornal parisiense ao nosso benemerito e prestante conterraneo.

(1) Não foi depois do seu casamento que o illustre biographado honrou as columnas do «Viriato» e do «Progressista» com a sua talentosa redacção. Pouco depois de ter feito alguns preparatorios, isto é nos seus mais verdes annos, foi que o dr. Barbosa de Magalhães escreveu alli esses brilhantes artigos, que foram o inicio da sua vida politica e tornaram ja admiravel a sua fecunda intelligencia. No «Campeão das Provincias», que elle por tantos annos redigio com proficiencia pouco vulgar, é que escreveu mais depois do seu consorcio, tendo já escripto muito, mesmo antes d'este.

(2) A proposito, podemos accrescentar que o nosso prezadissimo amigo ainda ha pouco foi alvo das mais eloquentes e significativas demonstrações de admiração e de agradecimento por parte da gentil rainha de Portugal, S. M. a Senhora D. Amelia, que se dignou mandal-o felicitar por um notabilissimo trabalho feito n'aquelle sentido, e agradecer a protecção por sua ex.ª dispensada a um grupo de cavalheiros francezes, que se propõem colonisar com elle essa parte da Africa.

AINDA O REGULAMENTO DA PESCA NAS AGUAS INTERIORES DO PAIZ

A LEI DA FOME

Completamos hoje a publicação do famoso regulamento, para cujas disposições não podemos deixar de chamar a attenção publica. O regulamento importa nada mais e nada menos do que a extincção da pesca na ria d'Aveiro, e importa mais que isso, a imposição da fome a milhares de familias.

Emigrava até agora a população agricola e operaria, cujos braços não encontravam emprego no paiz. Agora vae emigrar tambem aos milhares a população piscatoria que se julgue ainda com forças de, alem dos mares, atravez de difficuldades sem conta, ganhar o pão da vida. Dá esse resultado, produz esse effeito o famoso ukaze que viu a luz publica no *Diario do Governo* de 25 d'abril. Determinar que a pesca só se effectue de dia, que se extingam os botirões e as redes d'arrastar, e que só se pesquem enguias de 25 centimetros de comprimento, o mesmo é que determinar a extincção da pesca nas sete leguas de ria que bordam a parte baixa do districto.

Pesca de dia n'um fundo baixo, accessivel a toda a luz e a todas as vistas que o peixe evita, é simplesmente espantoso e incrivel de ignorancia e de barbarismo até.

Nos mezes do tarde, entravam ahi pela barra dentro grandes porções de sardinha, que os botirões, collocados áquem da embocadura, colhiam, *lucrando com isso o pescador*, a sociedade e o estado. Deixando de haver essas artes, não se pescará mais sardinha dentro do porto, porque o regulamento, o famoso regulamento, não permitte que elles pejem aquelles logares!

O que se vê é extraordinario e incrivel mesmo. Conclue-se de tudo isto que são os governos quem estão promovendo por todos os modos a emigração para o estrangeiro.

Prohibida a pesca na extensa bacia, o que resta aos pobres que d'ella vivem? Fugir do paiz que tão mal os trata, que lhes tolhe os meios de subsistencia, que os priva do trabalho de que viviam. O que vae succeder é a consequencia necessaria do que se decreta—a emigração aos milhares.

As charangas

Foi uma verdadeira calamidade, em todos os ramos de serviço publico, o que o sr. Dias Ferreira, no seu reinado de destruição e de desordem, por ahi fez e praticou. Nem as charangas escaparam á sua senha e ao seu desnaturado empenho de destruir!

Agora, porém, pelo ministerio da guerra, acaba de baixar auctorisação para que nos corpos de cavallaria possam ser restabelecidas as charangas.

Os commandantes dos corpos que quizerem utilisar-se da auctorisação, devem requisitar os respectivos instrumentos do commando geral de artilheria.

Alguns d'estes instrumentos, como no quartel de cavallaria 10 é sabido, foram patrioticamente offerecidos á extincta charanga pelo nosso illustre amigo, sr. conselheiro Manuel Firmino, por que quando ella ahi se estabeleceu, pelo ministerio da guerra não foram fornecidos todos os indispensaveis. Pois nem esses ahi deixaram ficar, quando ao governo pessoal e desgraçado do sr. Dias Ferreira aprouve acabar com as charangas e mandar recolher os instrumentos!

A despeza feita com as charangas não entra agora no orçamento do Estado, mas será paga por fundos para esse fim creados nos corpos a que as charangas pertençam.

O QUE SE PASSA NAS SECRETARIAS D'ESTADO!

Para um dos mais bem informados jornaes do Porto escreve o seu correspondente de Lisboa o seguinte:

A ordem brusca a que tem alludido os jornaes, emanada da secretaria da justiça e a que o respectivo ministro obviou, parece dar logar a um conflicto entre o sub-director Alves de Sá e o ministro. Affirma-se que o sub-director deu aquellas ordens sem auctorisação nem conhecimento do ministro, occultando-lhas, bem como factos graves que lhe eram communicados. Parece que estes factos se relacionavam com o processo Urbino.

A questão Urbino de Freitas vae dando a medida do estado de corrupção a que chegou uma parte do alto funccionalismo portuguez.

Ainda ha pouco um ministro d'estado publicava uma lei especialmente feita para patrocinar o grande criminoso. Agora um chefe de repartição, influenciado talvez pela *mesma razão*, compromette o ministro a quem merecia confiança para servir a *mesma causa*.

Pois se o dr. Urbino de Freitas diz que tem gasto cerca de noventa contos no seu pretendido livramento!

Simplesmente torpe.

Conflicto grave

Por falta d'acção da parte da auctoridade vae-se tornando grave o conflicto entre os povos de Castanheira de Pera e do Pedrogam Grande. As cousas correm alli de tal modo que o governo não terá remedio senão providenciar e de prompto nos termos de pôr ponto no conflicto. E' ao governador civil de Leiria que cumpre providenciar de modo que o conflicto não tenha mais seguimento.

Estrangeiro

Não são boas as noticias que se recebem do Brazil. Dois ministros, o da marinha e da fazenda demittiram-se e isto prova de sobejo que as cousas não tem alli um aspecto favoravel. Diz isto um telegramma expedido do Rio em 29 de abril. O telegramma diz mais que o cambio bancario sobre Londres desceu para 11 1|4. O que tudo isto denuncía é triste.

No Rio Grande ferio-se uma grande batalha morrendo de cada lado mais de 400 homens, sendo para notar que ambos os partidos se julgam triumfantes. Affirma-se porém que as tropas do governo foram as que ficaram peor.

A questão do *home rul* na Inglaterra, a questão da liberdade da Irlanda, tambem não corre sem perigo de naufragar, ou seja na discussão da especialidade na camara dos communs, ou seja na camara dos lords, pois que o partido conservador, capitaneado por Salisbury,lhe fazem guerra implacavel.

No resto da Europa o dia 1.º de maio passou-se sem novidade importante. Em toda a parte o povo foi pacifico.

Um telegramma de Chicago diz que o presidente *Cleveland*, acompanhado de todos os ministros e o duque de Veragua como representante de Christovam Colombo, inaugurou hontem a exposição Universal cujo aspecto era deslumbrante. Concorrencia enorme, mal podendo andar-se no recinto do palacio da exposição. O presidente e ministros tinham chegado no dia 29 de abril de New York depois de assistirem á grande revista naval. Em Chicago eram esperados por auctoridades e multidão immensa, que victoriou phreneticamente o presidente.

A exposição abriu-se com a assistencia de cerca de cento e setenta mil pessoas, e com tres mil guardas para manterem a ordem. A muzica que assistiu compunha-se de 500 figuras e 400 vozes. O capellão do senado proferiu uma oração em louvor a Deus por haver permittido o grande acontecimento que ia iniciar-se. Ao meio dia em ponto o presidente carregou sobre um botão e immediatamente funccionaram todas as machinas que a exposição contém e todas as fontes que abastecem a grande area. A satisfação era geral, e a grandeza em tudo extraordinaria.

CARTA DE LISBOA

2 DE MAIO DE 1893.

A noticia mais importante do momento é a crize ministerial em que tanto se falla. E' muito possivel que ella se dê, sahindo algum ou alguns dos ministros, que n'este caso terão facil substituição porque ha ainda muito quem aspire ás honras inherentes ao cargo. Ha quem affirme que sahirão alguns ministros e ha quem affirme o contrario, asseverando-se que o ministerio irá ás camaras tal como está. O que tiver de succeder, porém, não se demorará muito.

— O nosso illustre correligionario sr. José d'Alpoim depôz hoje em juizo, como se esperava, sobre a historia dos titulos de D. Miguel. As *Novidades* de hoje, sobre o facto, dizem o seguinte:

O sr. dr. José de Alpoim, o vigoroso jornalista e orador parlamentar que todos conhecem, foi hoje chamado, perante o sr. juiz Xavier de Lima, encarregado da formação do processo—que o sr. Paschini mandou instaurar na Boa Hora, sem os documentos officiaes que possue, mas só com base no artigo das *Novidades* de 7 de abril! Segundo nos consta, o depoimento do sr. dr. José de Alpoim é d'uma extraordinaria importancia para o conveniente esclarecimento d'esta momentosa questão. Sua ex.ª fez a historia minuciosa da operação, instruindo-a com as diversas versões que teem corrido, indicando quem sobre o assumpto póde dar explicações cabaes, e juntou um enorme masso de documentos variadissimos, que lhe teem sido enviados. Tambem apresentou uma photographia d'um recibo do *Banque Parisienne*, sociedade anonyma, com séde na rua Chauchat, 7. E' um documento curioso e edificante. MANDAMOS FAZER D'ELLE UMA PHOTOGRAVURA, QUE AMANHÃ PUBLICAREMOS. Esse documento serve tambem para mostrar uma contradicção flagrante na carta dos srs. Tricart & C.ª, que hoje publicamos. São estas as informações, que conseguimos obter, do depoimento do illustre deputado e jornalista. Como sua ex.ª tenciona, ao que ouvimos dizer, tratar este assumpto no parlamento, e como só para aquelle logar elle reservava os esclarecimentos,que o sr. Paschini desejou fossem dados á justiça,—a quem, comtudo, não entregou os documentos que em seu poder existem!—limitamos aqui os informes que hoje obtivemos. O paiz saberá, quando as camaras se abrirem, tudo o que o vigoroso parlamentar contou no seu depoimento.

Tambem nos consta que o sr. dr. Alpoim indicou a necessidade da justiça ouvir o sr. conde de Burnay e o sr. conde de Reilhac,—que parece estar prompto a informar os tribunaes. Outras pessoas indicou tambem. Entre ellas os tres ultimos ministros de Portugal em Paris. O depoimento do sr. Alpoim principiou ás 2 horas da tarde e concluiu se depois das 5.

E' negocio este que tem muita gravidade.

— Já regressou das Caldas da Rainha o nosso excellente amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães. O illustre advogado foi alli tractar uma causa importante.

— O sr. visconde de Balsemão ainda não partiu para ahi porque tem um filhinho bastante incommodado, sendo por isso que tem demorado o seu regresso. Parte breve.

— Parece fóra de duvida que a vaga aberta no conselho d'Estado politico pelo fallecimento do sr. marquez de Ficalho, será prehenchida por seu filho o sr. conde de Ficalho—que vae ser elevado ao titulo de marquez, e nomeado mordomo-mór da casa Real, cargo que seu pae exercia.

— O sr. Carlos Lobo d'Avila deixou a redacção e direcção do *Reporter*.

— A festa dos operarios passou-se aqui tranquilamente como era d'esperar da provada pacatez do nosso povo. Tudo se reduz a pouco. Os nossos homens de trabalho não quizeram occupar-se n'aquelle dia. Foram ao cemiterio dos Prazeres vizitar o tumulo de José Fontana, foram depois reunir-se em *meeting* no theatro da praça da Alegria, ouviram os differentes oradores, e retiraram-se em paz para suas casas mal contentes,muitos d'elles,talvez, por perderem o salario d aquelle dia.

— Reuniu hontem á noite a commissão nomeada pela Associação Commercial, para apreciar o projecto do codigo do processo commercial. Assistiram os srs. drs. Francisco Beirão e Baptista de Sousa. A commissão deu por terminados os seus trabalhos e vae dirigir aos poderes competentes uma representação sobre as principaes disposições, que, no interesse do commercio e na boa administração da justiça, deseja ver consignadas na nova lei do processo. E' um trabalho preciso o de que se tracta. E' indispensavel fixar bem o praso da prescripção das letras, pois que não ha sobre isso opinião definitivamente assentada.

— O sr. Urbino de Freitas está em maré de infelicidades. Foi hoje julgado no supremo tribunal de justiça, o ultimo recurso interposto por elle do despacho que indeferiu o seu requerimento pedindo se archivasse o processo, visto os peritos, em conferencia, terem resolvido ultimamente que do exame nas visceras e urinas do pequenito Mario era impossivel concluir-se a existencia de qualquer veneno vegetal ou animal a que deva attribuir-se a morte d'essa creança. Os juizes do supremo tribunal, por unanimidade, negaram a revista pedida pelo accusado. Segue-se agora o julgamento do processo na comarca do Porto. Foi relator o sr. conselheiro Garcia de Miranda. E' negocio concluido.

— Foi muito concorrido o funeral do illustre professor, sr. José Julio Rodrigues. A perda d'este homem notavel é geralmente sentida. Perdeu a sciencia de que era fervoroso cultor, perdeu a sociedade e perdeu a politica, não perdendo menos a familia, que elle idolatrava.

— Foram supprimidas as forragens aos officiaes da commissão geodezica pelo que ha descontentamento nos prejudicados, mas só n'estes.

— De differentes corpos de cavallaria chegaram hontem 30 praças que se destinam ao 4.º esquadrão da guarda municipal.

— Em vista do que se passou entre o honrado ministro da justiça e o sr. Alves de Sá, chefe de repartição, estranha-se que elle não pedisse ainda a sua exoneração. O facto passou-se com o muito digno procurador regio da Relação do Porto, sr. Augusto de Castro, contra quem aquelle funccionario nutre os mais inveterados odios. A imprensa vae explicar o caso, que revela um procedimento sobre abusivo, condemnavel.

— Chega a Lisboa no paquete do dia 5, o nosso amigo, sr. Daniel da Silva Ribeiro, consul portuguez no Rio.

— São duas as propostas apresentadas para a navegação a vapor para a Africa Oriental. As propostas devem ser abertas no dia 5 e são concorrentes, segundo ouvi,a companhia *Union* e a companhia alemã,que já fazem actualmente carreiras para aquella costa.

— O producto da venda de artefactos e da cultura dos terrenos adjacentes á Penitenciaria, foi no exercicio de 1889 a 1890 de 36:844$450 reis; no exercicio de 1890 a 1891 foi de 49:786$129 reis, e no exercicio de 1891 a 1892 foi de 60:080$805 reis. Como se vê, cresce successivamente o rendimento d'aquelle estabelecimento, e mais poderia produzir se podesse alargar-se um pouco mais o regimen penal. Aquellas quantias são rendimento do estado, que entram effectivamente nos seus cofres.

— Para entrar nas vagas do corpo da guarda municipal de Lisboa teem vindo requerimentos de bastantes corpos do exercito. Os pedidos n'este sentido excedem a 700.

— Está muito adiantada a factura das figuras que se destinam ás capellas do Bussaco, e que são obra do sr. Bordallo Pinheiro. Hoje partem para as Caldas da Rainha, para as verem, os srs. José d'Alpoim e Luciano Cordeiro, acompanhados do notavel artista. Affirmam-me que são obra digna de tão celebrado auctor.

— Está em perigo de vida o sr. Ferrer Farol, um dos medicos mais distinctos da capital. Y.

A' ULTIMA HORA.—Continua a affirmar-se que a crize existe, mas que é apenas parcial, sahindo os ministros das obras publicas e marinha. Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Está na sua casa de Anadia com demora de alguns dias, o nosso amigo e illustre deputado, sr. dr. José Paulo Monteiro Cancella.

— Regressou da sua casa de Barcellos ao seu sollar d'Estarreja, o sr. Francisco Barbosa do Couto Sotto Maior, muito digno deputado por este circulo.

— Tem estado doente na sua casa do Porto o sr. dr. Vicente Ferreira dos Santos, cirurgião-mór do exercito.

— Está na Borralha o sr. Conde de Ottolini, presidente da camara municipal de Lisboa.

— Passou no sabbado ultimo o anniversario natalicio do integerrimo juiz de Faro, sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, a quem enviamos as nossas felicitações.

— Chegou a esta cidade, vindo do Brazil, o sr. Antonio da Silva Mello Guimarães, nosso conterraneo.

— Fez annos no proximo passado domingo a ex.ma sr.ª D. Maria José de Vilhena Magalhães, galante e intelligente filhinha do nosso prezado amigo e collega, sr. dr. Barboza de Magalhães. As nossas felicitações mais cinceras e mais affectuosas.

— Tambem no dia 1.º do corrente passou o anniversario natalicio da ex.ma sr.ª D. Maria Barbosa Strut Rangel de Quadros, a quem enviamos os nossos respeitosos parabens.

— Faz hoje annos a ex.ma sr.ª D. Auzenda Alda de Magalhães Mesquita. D'aqui a felicitamos bem como a seu estimavel marido, digno empregado do hospital das Caldas da Rainha.

Fallecimento.—Falleceu na sua casa da Quintã do Loureiro, freguezia de Cacia, d'este concelho, a ex.ma sr.ª D. Thereza da Silveira Freire Themudo e Veras, natural d'esta cidade e de uma das mais distinctas e virtuosas familias d'Aveiro. Era senhora de fina educação e agradavel trato. Ha muitos annos graves soffrimentos a tinham obrigado a quasi não sair nem poder tratar dos seus haveres. Era já de avançada edade. A seus sobrinhos, primos e mais familia enviamos os nossos cordeaes sentimentos.

Bomba de incendios.—Graças aos esforços do nosso prestante amigo e illustre deputado da nação, sr. Francisco de Castro Mattoso, Ilhavo já tem uma bomba de combate contra incendios. Este objecto, que é o melhor que ha no genero, já alli está, sob a direcção do distincto clinico, sr. dr. Moura. Que dentro de pouco se constitua a companhia, que tem de desempenhar tão humanitarias funcções é o que muito desejamos.

Apresentação.—Foi apresentado na egreja de Aguada de Baixo o sr. padre José Rodrigues de Almeida, actual parocho encommendado. O sr. padre Rodrigues é um simpathico sacerdote a quem os habitantes d'Aguada de Baixo respeitam immensamente. Toda essa gente, sem excepção, desejava a collocação do seu prior encommendado n'aquella parochia, e porisso se procedeu com justiça n'esse despacho.

Damos os parabens aos habitantes de Aguada de Baixo assim como ao sr. padre José Rodrigues d'Almeida.

Rectificação. — Por um engano, de que não fomos culpados, démos n'este jornal a noticia, de que fora nomeado vice-consul do Brazil em Aveiro, o nosso patricio e incansavel industrial, o sr. Carlos da Silva Mello. Não foi este o nomeado, mas seu primo e nosso estimavel amigo, sr. Carlos Faria de Mello, proprietario e litterato bem conhecido. Damos-lhes os nossos sinceros parabens. O cargo de vice-consul do Brazil, segundo cremos, nunca o houve em Aveiro, mesmo nos tempos em que esta cidade tinha grande commercio directamente com o Brazil. No entanto bom foi que esta falta fosse preenchida, assim como bom seria que preenchessem os vice-consulados de França e Gran-Bretanha e se creasse o vice-consulado de Italia. Tambem se acha vago o vice-consulado da Republica de Uruguay, pelo fallecimento do sr. João Maria Garcia. Os vice-consulados, que em Aveiro estão preenchidos são, os de—Hespanha, Hollanda Belgica e agora o do Brazil.

Santa Cruz.—Os mordomos do orago d'esta freguezia, em Aveiro, resolveram não fazer este anno a respectiva festividade, isto sob um pretexto, que para uns parecerá justificavel e para outros é, apenas, especioso. No entanto o muito revd.º sr. Manuel Ferreira Pinto de Souza, digno parocho d'esta freguezia, sempre zeloso pelo culto, resolveu que hoje houvesse, ao menos, uma devota pratica em honra do symbolo da nossa redempção. Constou de missa cantada, acompanhada a orgão, e de exposição do Santissimo Sacramento á boca do Sacrario, Terço ladainha e benção. E' muito louvavel o procedimento do sr. Prior da freguezia da Vera-Cruz.

Novenas.—Começam na proxima sexta-feira as novenas em honra de Santa Joanna Princeza.

Phylarmonica Aveirense.—Como prenoticiamos, partiu, na madrugada de segunda-feira, para Arouca, a *Phylarmonica Aveirense*, acompanhada do seu digno regente e nosso amigo, sr. Padre Jorge de Pinho Vinagre. Devia tocar n'esse dia de tarde e á noite, e fazer hontem a festividade de Santa Mafalda.

Hoje á noite recolherá a esta cidade. Estimaremos saber que esta corporação foi e regressou sem incidente desagradavel e que no desempenho dos seus trabalhos ganhaou direito a novos elogios e novas sympathias.

A'cerca da festividade, fallaremos no proximo numero.

A tourada.—Com uma enorme concorrencia de espectadores, effectuou-se no domingo ultimo a annunciada tourada em beneficio do bandarilheiro Ronda, tendo algumas sortes felizes os srs. Manuel Freire, cavalleiro, Antonio da Cruz, Lourenço Caroço, Ronda e Calabaça, bandarilheiros, e havendo uma pega bem feita por um dos agarradores.

Tomando parte na corrida os srs. Mario Duarte e Felix Saraiva, foi o boi que lhes coube o mais habilmente picado, não falhando uma só farpa a qualquer dos dois jovens amadores. Com franqueza e com sinceridade, foi o melhor da corrida, esta parte do espectaculo. Estes dois cavalheiros foram alvo dos mais estrondosos applausos, e mereceram-os. Ia para pegar este boi o sr. João Mendonça, um amador que aqui e n'outras praças conquistou já nome e sympathias, mas o touro é que foi d'uma deslealdade provada, sendo depois pegado pelo sr. Felix Saraiva. A corrida findou perto da noite.

Nova corrida. — Como dissémos, um valente grupo de bons rapazes d'Aveiro, promovem para breve uma brilhante corrida de touros, na praça d'esta cidade, e que realisarão por meio de assignatura, que se abrirá dentro de pouco. Tomam parte n'ella, e são os seus principaes iniciadores, os srs. João Mendonça, Francisco Saraiva Lobo, Francisco Regalla, Mario Duarte, José Luciano, Augusto Reis, Antonio Saraiva Lobo, Valariano Lopes, etc., etc.

D'esta lista fazem parte rapazes já experimentados e victoriados nas lides tauromachicas, o que é uma garantia para o bom exito da corrida. Aplaudimos a sua magnifica ideia, e é de esperar que todos coadjuvem quem assim promove tão atrahentes divertimentos.

Na ria. — A chalupa *Flor da Calvaria*, que entrara bem a barra d'esta cidade, encalhou ás Duas Aguas, fazendo um grande rombo n'uma estaca de botirão, que se achava enterrada e encoberta pela agua. Quando a tripulação accudiu, o navio afundou-se rapidamente, ficando quasi submergido. O casco estava no seguro, e era matriculado n'esta praça.

Exames d'admissão.—Terminam hoje no lyceu os exames dos individuos do sexo masculino, e começam os do sexo feminino.

Tempo.—Melhorou consideravelmente. Estão uns dias lindissimos. Dizem, porem, os entendedores, que, como este calor é excessivamente forte e veio de repente, é de crêr que não seja duradouro e que seja prenuncio de novas chuvas.

Salinas.—Como melhorou o tempo, tem continuado os trabalhos nas salinas, para os preparativos da proxima safra do sal. Em algumas salinas, tem-se feito trabalhos extraordinarios, tendentes a melhorar as condições d'estas propriedades, que, como se sabe, são um dos principaes elementos de commercio e de rendimento para muitos proprietarios d'Aveiro.

«A Correspondencia» —Diz-e que vae apparecer em Aveiro o jornal que, advogado da classe dos correios e telegraphos, se publicava em Coimbra com este titulo. Serão seus redactores os srs.: João de Deus Guimarães, João de Azevedo Castello Branco e Antonio Maria Duarte, dignos empregados do correio d'Aveiro. Longa e prospera vida é o que sinceramente lhe desejamos.

«Jornal Horticolo-Agricola.—Sob a illustrada direcção do sr. J. Casimiro Barboza, começou a publicar-se no Porto um novo jornal com este titulo, destinado a preencher uma importante lacuna no nosso meio horticolo e agricola. E propriedade da *Real Companhia Horticulo-Agricula Portuense*, e vem brilhantemente escripto. Recebemos, porém apenas o 2.º n.º, e por isso pedimos a remessa do 1.º.

O dr. Urbino de Freitas.—Além do que vae em outro logar d'esta folha, respeitante á diligencia que as justiças do Porto verificaram no confronto do dr. Urbino de Freitas com o sr. Brito e Cunha, seu cumplice inconsciente, o que se passou na viagem, e que revela um cynismo a toda a prova, é digno de ver-se:

Na viagem dos Arcos para Braga,quando vinha já de regresso para o Porto, o dr. Urbino, vendo que o sr. dr. Accacio e o sr. delegado tomavam um trem descoberto, disse-lhes com grande serenidade:

— Eu posso tambem ir em trem descoberto. Não estou criminoso, e por conseguinte não tenho necessidade de me esconder...

De volta ao Porto, disse o dr. Urbino para os guardas que o acompanhavam:

— Sim senhores! esta comedia não foi mal ensaiada... Tem apenas o defeito de procurarem o actor tão longe.

N'uma occasião em que o dr. Urbino se lavava, o delegado sr. Pestana da Silva, olhou-o fixamente. Estavam sós. Aquelle perguntou:

— Diga-me, é o delegado ou o Pestana quem está olhando para mim?

— E' o delegado, respondeu o interpellado, porque para o Pestana já o senhor morreu ha tres annos.

Então respondeu o dr. Urbino, talvez sinceramente commovido:

— Lamento que abuse da sua posição para me vexar...

A alguem disse mais:

— Arrependo-me de não me ter feito julgar logo depois da accusação, pois que não teria gasto os noventa contos de reis que tenho dispendido; teria ido para a Africa, d'onde me seria facil fugir, e estaria livre emfim.

Notas falsas.—E' positivo que se pretende lançar na circulação notas falsas de 1$000 réis. Um jornal do Porto, de 1 do corrente, fallando do caso diz o seguinte:

10$ NOTAS FALSAS.—Hontem á chegada do comboyo da manhã, de Lisboa, foi preso pelo chefe Correia, em Campanhã, Olindo, o «italiano», um conhecido gatuno ao qual lhe foram encontradas 10$ notas de 1$000 réis falsas. Em Lisboa passou muitas, e o commissario de lá havia telegraphado já para esta cidade. Entre outras cousas, declarou que as comprara em Hespanha por meio duro cada uma.

Vê-se da noticia que segue e que tomamos da *Aurora do Lima*, que não é só no Porto que se procura espalhar a tal moeda:

PASSADOR DE NOTAS FALSAS.—A policia da capital procura descobrir o paradeiro de um «menino» que na quinta-feira ultima, á noite, andou por varios estabelecimentos das ruas de S. Pedro e S. Miguel d'Alfama fazendo varias compras de pouca monta e dando para pagamento notas de 1$000 reis, que se reconheceram ser falsas, por terem todas o numero 12:920 e serem mais escuras que as verdadeiras. O intrujão é baixo e com pronuncia accentuadamente hespanhola.

Assassino precoce.—Ante-hontem, cerca das 9 horas da noite, na Foz do Douro, desavieram-se por causa de uma rapariga, Benjamin Ferreira e José Carlos Pereira d'Almeida, ambos de 15 annos de idade, pouco mais ou menos. Benjamin puxou d'um estoque de que ia armado e espetou-o na cabeça do seu rival, fugindo em seguida. Almeida foi transportado a sua casa, morrendo duas horas depois. O assassino tem 16 annos e o assassinado 14.

Preço da carne.—Tambem no Porto baixou o preço da carne 20 réis em kilo.

Previsão do tempo.—Noherlesoom diz que em geral a primeira quinzena de maio será tão chuvosa e tempestuosa como a ultima de abril. Os dias mais bonançosos serão 10 e 11. Desde 3 até 8 inclusivé, haverá muita chuva e vento, e desde 12 até ao fim será o tempo variavel, mas com algumas chuvas.

No dia 8 o centro de uma borrasca do oceano Atlantico estará proximo ás costas de Portugal, de onde ha de exercer a sua influencia sobre toda a peninsula, com grande intensidade.

Desde o dia 15, de tarde, que começará a restabelecer-se o equilibrio atmospherico.

Descoberta util. — Um proprietario d'Agueda imaginou um meio simples de borrifar as videiras com a calda bordelesa, sem se servir das machinas habitualmente empregadas n'estes serviços. Arranjou uma vassoura, que mette em um balde cheio d'aquelle liquido, e depois vae aspergindo as videiras. Diz aquelle proprietario que no ultimo anno tirou excellente resultado do seu processo, preferivel ao do *pulverisador* mais usado.

Os ciganos.—No dia 25, apresentaram-se de novo os ciganos na feira da Moita. Depois de, segundo o costume, terem subtrahido avultadas quantias das carteiras mal seguras e quando se dispunham a roubar um burro, dois rapazes que habitam a Moita ha tempo, pediram-lhes contas do seu procedimento e aplicaram-lhes uma boa fricção de bordoada.

Compareceu no local da desordem o sr. administrador do concelho, que immediatamente fez prender todos os ciganos que encontrou, os quaes no numero de oito, deram entrada nas cadeias d'Anadia; os restantes fugiram perseguidos pelos arrojados rapazes, que foram alvo de calorosos elogios pela maneira briosa como premiaram as *gentilezas* d'esses malandros, que fazem a sua Calábria nos mercados do paiz.

Movimento commercial de Coimbra.—Desceu o preço do azeite. O lagareiro está a 1$500, e o fino a 1$530.

Os cereaes e legumes regulam por os seguintes preços: —Trigo graudo de Celorico 580, dito tremez 560, milho branco 320, dito amarello 330, feijão vermelho 520, dito branco 420, dito rajado 320, dito frade 410, centeio 440, cevada 240, grão de bico graudo 700, dito miudo 680, favas 420, tremoços 280. O milho amarello subiu para 330.

N'esta semana foram remettidos 2 wagons de milho amarello para a Borda d'Agua, e vão ser remettidos outros dois. Emquanto ao milho branco continua a ter muita procura.

A cevada desceu rapidamente de 300 para 240, em razão de ser mandado recolher a Aveiro, para onde marchou na quinta-feira, o destacamento de cavallaria 10.

A batata amarella desceu para 320, e a hollandeza, de que ha falta, subiu para 440.

O agio das libras desceu para 850. O ouro nacional conserva-se a 18.

Mercado de Montemór-o-Velho.—Os generos no mercado quinzenal de Montemór-o-Velho, de quarta-feira ultima, tiveram os seguintes preços:—Milho branco 360 a 370, dito amarello 360 a 370, trigo tremez 700, dito mouro 700, arroz carolino 1$300, dito redondo 1$300, cevada 280, feijão gandarez 500 a 520, dito encarnado 560 a 600, dito branco miudo 420 a 440, dito rajado 320 a 340, dito fradinho 440 a 460, dito pateta 380, batata nacional 480, dita franceza 520 a 540, tremoços 420.

Previsão do tempo. — A previsão do tempo constitue um problema do mais alto interesse, pela influencia directa que as perturbações atmosphericas exercem na marcha das differentes occupações a que se entrega a humanidade. Infelizmente, um tal problema, ainda está bem longe de ser cabalmente resolvido, e apesar da observação attenta e do porfiado estudo a que se entregam de ha muito os mais sabios meteorologistas, ainda estes não possuem dados sufficientes que lhes permittam formular prognosticos seguros, *e a longo praso*, sobre as variações da atmosphera.

Comtudo, alguma coisa se tem já conseguido, e julgamos de utilidade a publicação das seguintes regras, hoje bem assentes, segundo as quaes se póde prever o tempo com algumas horas de antecedencia. Como as mudanças do tempo são principalmente e quasi exclusivamente devidas ás variações da pressão atmospherica, por isso, de todos os signaes precursores da tempestade, o mais certo e facil de interpretar é o movimento do barometro, o qual começa muitas vezes a descer l.., 24 e até 48 horas, antes da chegada de uma tempestade. As variações da pressão atmospherica chegam-nos sempre do oceano Atlantico, e caminham geralmente, ou de Oeste para Leste, ou de Sudoeste para Nordeste.

Uma descida do barometro, lenta, regular e moderada (de 3 a 4 millimetros), indica a passagem ao longe de uma depressão, e não occasiona mudança notavel no tempo. Uma descida subita, mesmo quando é fraca (de 2 ou 3 millimetros), annuncia sempre que muito perto se operou uma perturbação, e occasiona quasi sempre rajadas e pequenos aguaceiros; mas se a descida é consideravel (de 8 a 10 millimetros), presagia n'esse caso uma tempestade. Uma forte descida do barometro, lenta e continua, annuncia mau tempo de longa duração. Este mau tempo persistirá tanto mais, quanto maior tiver sido a altura de que desceu o barometro, e quanto mais abaixo descer. Uma subida brusca do barometro, quando está proximo da pressão media (760 millimetros), e faz bom tempo, annuncia a chegada immediata de uma depressão, que não tardará a promover a descida do barometro.

Uma subida rapida, quando o barometro está baixo, annuncia bom tempo de curta duração; e se a subida fôr consideravel, pode-se contar então com muitos dias de bom tempo. Eis agora os aspectos diversos que successivamente apresenta a atmosphera, antes de uma tempestade, ao mesmo tempo que se vae accentuando a baixa de barometro.

Alguns dias antes da chegada de uma grande perturbação atmospherica, e muitas vezes antes mesmo que o barometro tenha começado a descer de um modo sensivel, vão successivamente apparecendo no ceu, longas faixas parallelas de nuvens finas e delgadas, chamadas *cirrus*, precursoras do mau tempo. Estas nuvens são formadas de pequenas agulhas de gelo que fluctuam a grande altura, muitas vezes a mais de 10:000 metros. O ceu toma em seguida um aspecto esbranquiçado e apparecem os *cirro-cumulus*, ou, como vulgarmente se diz, põe-se o ceu *encarneirado*. Bem depressa augmentam estas nuvens em extenção e densidade, e transformam-se em *cumulus*, primeiramente isolados, por entre os quaes se divisam os *cirrus* das camadas superiores. Os *cumulus* descem cada vez mais, encobre-se o horisonte, e o ceu torna o aspecto particular que caracterisa a approximação da chuva.

Logo que passa o centro do turbilhão, e o barometro começa de novo a subir, o ceu descobre-se por instantes, e succedem se as alternativas de nuvens abertas, aguaceiros, etc. Se o barometro continua a subir, as nuvens vão pouco a pouco desapparecendo, e volta o bom tempo. Pela direcção do vento se pode tambem conhecer onde existe o centro de uma tempestade. Para esse fim indicaremos a seguinte lei, formulada por um engenhoso meteorologista: Quando se virem as nuvens caminhar em certa direcção, poder se ha deduzir d'esse facto, seja qual fôr a altura do barometro, que existe um centro de depressão á esquerda da direcção que seguem essas nuvens, n'um sentido approximadamente perpendicular á mesma direcção, ou, por outras palavras: *Se voltarmos as costas ao vento e estendermos o braço esquerdo, ficará este na direcção do centro da tempestade.* Por exemplo: se as nuvens caminham de Oeste para Leste, o centro da depressão está ao Norte, como estará a Sudeste se as nuvens do Nordeste e a Oeste vierem do Sul, etc.

Remedio contra a difteria. — Um medico francez, que exerce a sua profissão n'um departamento proximo a Paris, assegura ter descoberto um remedio efficaz contra aquella doença. Diz elle que o petroleo não refinado, applicado ás pinceladas sobre a parte doente, dissolve as falsas membranas e evita a asphixia do padecente.

Lord Derby.—O notavel philantropo deixou de existir. Os jornaes inglezes veem cheios de grandes elogios ao extincto, fallecido ha poucos dias, como dissemos. Lord Derby, verdadeiro philantropo, não deu, de ha tres annos até morrer, menos de 30:000 libras sterlinas aos pobres, — ou sejam 10:000 libras por anno, ou sejam ainda o juro de um capital de mais de mil e seiscentos contos de réis, calculado a 3 por cento. As exequias de lord Derby realisaram-se na quinta-feira, 27. Segundo o desejo expresso pelo finado, não se fizeram convites nem serão pronunciados discursos.

O cholera na Russia —O *Times*, chegado ultimamente, publica um telegramma de S. Petersburgo em que se diz terem alli circulado boatos de que se déram n'aquella cidade, grande numero de casos de cholera e que as pessoas atacadas foram tratadas nos hospitaes sob o maior sigilo. Na folha official declarou cathegoricamente a junta de saude que desde 30 de dezembro passado não occorreu caso algum de cholera, de que ella tivesse conhecimento. O correspondente do *Times* affirma que durante o mez corrente foram tratados nove choléricos nos hospitaes e que dous d'elles falleceram, allegando-se nas investigações bactereologicas que esses doentes estavam apenas atacados de catharro agudo dos intestinos, sem demonstracção alguma de infecção cholerica.

Com respeito ao resto do paiz, as estatisticas officiaes mostram que de 8 a 15 de abril se déram 64 casos e 26 obitos de cholera nas provincias de Orel, Saratoff, Ufa, Elizabetopol e Don, sendo a maior parte dos casos em Ufa (31 e 21 obitos).

O ministro da marinha fez distribuir uma circular recommendando estrictas instrucções sanitarias e medidas de precaução em todos os arsenaes de marinha e estaleiros de construcções navaes para se evitar quanto possivel o desenvolvimento da epidemia.

O imperador ordenou que todos os apparelhos de desinfecção, quer importados pelo governo quer pelas instituições de caridade, soccorro ou beneficencia, sejam insentos de direitos.

Nove mil kilometros em caminho de ferro.— Chegou ultimamente a New-York uma americana, miss Bessie Mitchell, depois de completar uma viagem continua de 9:000 kilometros pelas vias ferreas dos Estados-Unidos, em virtude de uma aposta que fizera.

Miss Bessie iniciou a viagem em fins de março ultimo, partindo de Chicago, e percorrendo desde então, ás vezes com vertiginosa rapidez, o territorio americano em todas as direcções, e indo por fim parar á cidade de New-York. A aposta consistia em que uma senhora não podia realisar só tal viagem sem se expor a graves contratempos, attribulações e fadigas. Apesar d'isso, miss Bessie acceitou a aposta e ganhou-a, affirmando que, longe de lhe ser penosa, foi, pelo contrario, uma excursão deliciosa. Que lhe preste.

O velocipede em Marrocos.—Parece que um dos principaes entretenimentos do sultão de Marrocos é passear em velocipede, tendo feito preparar nos seus jardins um terreno onde se entregou por muito tempo á sua occupação favorita, tendo por mestre um official inglez. Cansado, porém, de fazer mover as rodas com os pés e de dar frequentes quédas, Muley Hassan mandou construir um grande velocipede, que os escravos fazem mover. No centro d'este velocipede ha uma especie de cadeira em que o sultão se senta com as pernas cruzadas, segundo o costume musulmano. Uma especie de docel protege Muley Hassan dos ardores do sol. E' n'este apparelho que o soberano marroquino dá agora os seus passeios.

A paciencia japoneza.—Na exposição de Chicago vai ser exhibido um trabalho de paciencia e constancia, devido a um japonez da provincia Si-i. O paciente artista empregou em o concluir cinco annos de trabalho assido, demonstrando ao mesmo tempo grande habilidade. Trata-se de uma aguia esculpida em ferro, que tem dous pés de altura e cinco de um ao outro extremo das azas. A cabeça está feita de modo que póde girar de um para outro lado. A aguia tem mais de tres mil pennas todas feitas á mão uma por uma, sendo algumas d'ellas summamente finas e delicadas. O paciente japonez teve para modêlo duas aguias, uma das quaes matou e dissecou conservando a outra viva.

O CASO URBINO DE FREITAS

ACCLARAÇÃO. — O DEDO DE DEUS. — A VERDADE. — DESCOBERTA PROVIDENCIAL.

O facto é assim descripto pela imprensa do Porto:

Chegou-nos ha dias aos ouvidos o boato de que por um dos delegados do ministerio publico n'esta cidade tinha sido recebida uma carta, fazendo uma denuncia que, a verificar-se, devia constituir uma peça importantissima para um processo pendente de julgamento, cujo mobil e instrucção causou em todo o reino um alvorôço que o decurso de muitos mezes não conseguiu ainda amortecer. Vago como era o boato, tivemos rasões para lhe dar credito e para procurar esclarecel-o. Assim, soubemos não só que era verdadeiro, como tambem que a policia, acompanhada d'um magistrado judicial, se preparava, em virtude da referida carta, para proceder a uma importantissima diligencia fóra do Porto.

Na quinta-feira ultima, pelas 10 horas da manhã, achando-nos casualmente na estação do Porto, notamos que no comboio do Minho tinha tomado logar o sr. dr. Miguel Pestana, delegado d'uma das varas d'esta cidade, e o chefe da policia judiciaria da 1.ª divisão, sr. Francisco Lopes. Com este simples indicio, facil nos foi convencer-nos de que se tractava da já referida diligencia judicial e, na nossa missão de reporter, pozemos em pratica todos os recursos de que podiamos dispôr para apurar o assumpto de que nos fôra dado rebate, embora vagamente. A tarefa foi ardua, mas venceu-a a nossa boa vontade e o desejo de bem informar os nossos leitores.

Assim, depois de algumas horas de pesquisas inuteis, por isso que todas as pessoas a quem nos dirigimos se encerraram n'um mutismo perfeitamente justificavel attenta a gravidade do assumpto, conseguimos afinal saber que a tal carta anonima fôra recebida pelo sr. dr. Miguel Pestana e que se prendia com o caso Urbino de Freitas e com um ponto que no processo ainda se não encontrava esclarecido—quem fôra o expedidor das amendoas envenenadas recebidas pelo mallogrado Mario Sampaio e pela sua irmãsinha Bertha Sampaio.

Esse expedidor tinha apparecido agora. Cumplice involuntario no crime, encontrando-se gravemente enfermo, a sua consciencia dizia-lhe que devia denunciar á justiça a parte que tivera n'essa monstruosidade que importava a criminosa destruição de uma familia inteira. Esses dados eram já mais que sufficientes para uma noticia *á sensation*, e era nossa intenção escrevel-a na passada quinta-feira, o proprio dia em que os obtivemos. Quem nos forneceu porém, esses esclarecimentos não estava auctorisado a fazel-o. Confiara na nossa amizade e no nosso cavalheirismo, apontando-nos ao o fio da misteriosa diligencia, mas exigindo-nos ao mesmo tempo a mais absoluta discrição, tornando-nos responsavel por qualquer malogro por ventura resultante da nossa inconfidencia. Forçado nos foi, pois, calar a nossa natural tagarellice de *reporters*, e levamos tão longe esse escrupulo, que fechamos os olhos para não ver uma noticia publicada por um collega, levantado levemente, mysteriosamente, o veu que cobria o sigillo que tinhamos jurado guardar religiosamente e que já hoje podemos quebrar, pois que foi a propria policia que mandou informar os jornaes do facto que motivara a dilligencia e do resultado da mesma. Uff! Era tempo!

A carta que motivara a diligencia não trazia assignatura. Fornecia porém, tão seguros dados da grave denuncia que fazia, que o digno commissario geral de policia, dr. Adriano de Moraes Carvalho, não teve duvida em acreditar no seu conteúdo, que lhe foi communicado immediatamente pelo sr. dr. Miguel Pestana, o delegado do ministerio publico a cuja vara está affecto o processo Urbino de Freitas. Como n'essa carta se apontasse claramente o nome do individuo que confessava ter sido o expediente da fatal caixa das amendoas envenenadas, foi elle procurado na Foz, onde em tempo residiu, reconhecendo-se afinal que o seu domicilio era em Arcos de Val-de-Vez, sua terra natal e onde actualmente se acha com sua familia.

Chama-se o expedicionario Manoel Bento de Brito e Cunha, não deixando de ser originalissima a maneira como se viu envolvido na fatal tragedia, cujo epilogo está para breve, a despeito de toda a chicana e rabulice que tem impedido a inexoravel acção da justiça. Vamos contar como os factos se passaram.

Foi em 1890. O sr. Brito e Cunha embarcou em Campanhã com sua esposa, D. Augusta Borges Nogueira e Cunha e seus filhos. Iam para o Brazil devendo demorar-se dois dias em Lisboa. Quando entraram para a carruagem já alli encontraram sentado um individuo que até á estação de Gaya não pronunciou palavra. N'essa carruagem havia caloriferes e, como a esposa do sr. Brito e Cunha notasse que d'esses caloriferos resultava mau cheiro, encarregou-se o desconhecido de explicar a causa, fazendo-o em termos tão delicados e suasorios, que as relações ficaram desde logo travadas, convencendo-se o sr. Brito e Cunha e sua familia que o viajante devia ser pessoa illustrada e de não vulgares conhecimentos. No decorrer da conversa que então se travou, o sr. Brito e Cunha não occultou a sua proxima partida para o Rio de Janeiro, depois d'uma pequena demora em Lisboa. Foi então que o desconhecido pediu delicadamente um favor que consistia no seguinte: Um seu amigo do Porto tinha-o incumbido de entregar ao conductor do comboio, para o expedir de Lisboa pelo correio, um pequeno volume. Sabia apenas que eram amendoas e que se devia tractar d'algum galanteio amoroso dorque a destinataria se chamava D. Bertha Sampaio. Se o sr. Brito e Cunha se quizesse encarregar d'essa expedição obsequiava-o, poupando-lhe o trabalho de se ir entender com o conductor do comboio, que poderia dar ou não o devido expediente á incumbencia. Sabia que o seu amigo tinha empenho em que o pequeno volume fosse expedido de Lisboa dentro de dois dias, porque se tractava d'uma surpresa que ficaria prejudicada por qualquer adiamento. Era o pedido tão natural e foi formulado em termos tão simples, que o sr. Brito e Cunha não teve a menor duvida em acceder, affirmando-lhe que faria a devolução do pequeno volume logo depois de chegar á capital. Agradeceu-lhe o desconhecido, dizendo então chamar-se Eduardo Motta, ser lente em Coimbra, onde offerecia os seus prestimos.

Effectivamente o sr. Brito e Cunha cumpriu a sua promessa, mal chegou a Lisboa. Alli despachou a caixa e dias depois seguiu para o Rio de Janeiro, completamente esquecido d'esse incidente a que não ligou, como faria outra qualquer pessoa em seu logar, a menor importancia. Pelos jornaes portuguezes alli recebidos teve então noticia do crime da rua das Flores e, como o nome de Bertha Sampaio lhe recordasse o seu antigo companheiro de viagem, não teve duvida de que Eduardo da Motta e dr. Urbino de Freitas eram uma e a mesma pessoa. Isto impressionou-o muitissimo por se vêr cumplice involuntario n'este lobrego drama, e o seu primeiro impulso foi revelar a scena que acima referimos. Retiveram-n'o porém, certos escrupulos. Seria effectivamente o dr. Urbino de Freitas a pessoa que lhe disse chamar-se Eduardo da Motta? Na duvida, conservou-se silencioso, receando tambem os incommodos que a sua denuncia poderia acarretar-lhe, mas intimamente tencionou esclarecer tudo quando voltasse a Portugal, o que deveria ser breve. Esse momento chegou. O sr. Brito e Cunha regressou e, como se encontrasse bastante enfermo, entendeu que era chegado o momento de descarregar a sua consciencia. Novos escrupulos o retiveram porém, mas como tivesse posto alguem ao facto do seu segredo, parece que nasceu de ahi a carta anonyma que precipitou o desenlace d'este gravissimo assumpto.

Como acima dizemos, sendo o sr. Brito e Cunha procurado na Foz pelo chefe da policia judiciaria, sr. Francisco Lopes, este não o encontrou, mas soube que residia em Arcos de Val-de-Vez. Foi então que na quinta-feira para alli partiram o sr. dr. Miguel Pestana e aquelle funccionario policial, conseguindo este fallar com o sr. Brito e Cunha, que lhe disse ser perfeitamente fundamentada a denuncia e que o seu desejo era relatar tudo á auctoridade competente, logo que se sentisse melhor da enfermidade que o affligia. Como, porém, alguem se tivesse adiantado, collocando a questão no ponto em que a encontrava, não desejava adiar por mais tempo as graves declarações que tinha a fazer. Na presença d'aquelle funccionario, do sr. dr. Miguel Pestana, do rev. Antonio Luiz Jorge de Saraiva de Brito, paroco dos Arcos e arcipreste do districto ecclesiastico, do dr. Pedro Pereira de Souza e Brito, presidente da camara municipal, relatou então os factos que acima ennumeramos e que foram reduzidos a auto pelo sr. Bernardo Antonio da Fonseca Barreiros, escrivão e tabellião da comarca, com mais os seguintes pormenores: Foi no dia 28 ou 29 de março de 1890 que despachou na estação do Terreiro do Paço, em Lisboa, a encommenda postal endereçada assim:

D. Bertha Sampaio
Rua das Flores
PORTO

Havia tambem o n.º no endereço, mas não o precisa por já não se recordar. Recebeu essa encommenda no dia 27 do mesmo mez, da mão do individuo que disse chamar-se Eduardo Motta. Quando chegou á estação do Pinheiro, para seguir para Lisboa, com sua familia, fizeram-lhe o bota-fóra seu sogro, sr. Martinho Antonio Borges Nogueira, e seu cunhado, sr. Manuel José Martins Tinoco, capitalistas, que por essa epoca residiam na rua do Costa Cabral. O individuo que, quando subiu com sua familia, encontrou na carruagem, denotava ter 40 e tantos annos. Era alguma coisa calvo, tinha bigode preto. Durante a viagem viu-o servir-se d'umas lunetas ou oculos escuros. Vestia um sobretudo escuro, cuja gola estava levantada, chapeu carregado sobre os olhos. Travada a conversa em Villa Nova de Gaia, o desconhecido, mostrando-se todo solicito para os filhos d'elle, declarante, indicou-lhes a melhor maneira de irem deitados na carruagem para soffrerem menos incommodo com os abalos produzidos pelo movimento do comboio. O pedido do despacho da encommenda foi feito entre as estações de Ovar e Aveiro, acrescentando o desconhecido que se apearia na proxima estação para encher a respectiva guia de despacho. Isto fez effectivamente, apparecendo-lhe depois com essa guia cheia, tal como elle, declarante, a utilisara na estação de Lisboa. Recommendou-lhe muito que não se esquecesse da expedição e deu-lhe para satisfazer as despezas do despacho 300 reis em prata. A encommenda era uma caixa de papelão, embrulhada n'um papel pardo, lacrado a vermelho. Devia ter, approximadamente o comprimento de palmo e meio e a largura d'uns vinte centimetros. O endereço que acima fica relatado. Entregue a encommenda, o desconhecido despediu-se, fazendo-lhe os seus offerecimentos, que era lente da Universidade de Coimbra. Depois, fazendo gesto de procurar um bilhete de visita:

— Sinto não trazer comigo cartões.

Elle, declarante, offereceu-lhe um dos seus e o desconhecido escreveu no verso:

EDUARDO MOTTA
Lente da Universidade de Coimbra

Que d'estes factos tinham perfeito conhecimento sua esposa, sogro e cunhados, estes ultimos por lh'os ter revelado em carta que lhes escrevera do Brazil.

Que não conhecia pessoalmente o dr. Urbino de Freitas, mas se o tornasse a vêr, lhe ouvisse a voz, ou mesmo por uma photographia, declarava cathegoricamente se elle e Eduardo Motta eram a mesma pessoa. Não havia a menor coacção que o impellisse a fazer taes declarações. Já que o destino o trouxera a Portugal mais cedo do que pensava e que o julgamento do indigitado criminoso se não tinha ainda effectuado, aclarando os factos que ficam expostos, simplesmente obedecia aos dictames da sua consciencia.

A este longo depoimento que, como acima dizemos, ficou reduzido a auto, assistiu a esposa do declarante, que confirmou toda a exposissão de seu marido. D'esse auto, que o digno commissario geaal de policia mandou por telegramma, hontem expedido dos Arcos, facultar aos *reporters* dos jornaes portuenses, e que tivemos na mão, constam ainda outras minucias. São porem, de pequena importancia e por isso não as aproveitamos. Findo o depoimento do declarante, foram tambem ouvidos o sogro e cunhado. Confirmando a declaração que o sr. Brito e Cunha fizera, apresentaram ao sr. dr. Miguel Pestana as cartas escriptas do Rio, em que o mesmo lhes narrava a triste e involuntaria cumplicidade em que se achava envolvido e as angustias que tal facto lhe inspirava. Como ultima comprovação das suas palavras, tambem o sr. Brito e Cunha apresentou aquella auctoridade o seu cartão em que o desconhecido escrevera o nome de Eduardo Motta. Verificou-se que a letra se assimelha exactamente á de Urbino de Freitas. Trazidos para esta cidade o auto das declarações, resolveu o sr. dr. Miguel Pestana proceder ainda a uma nova dilligencia decisiva, incontestavel. Ao declarante fôra apresentada pelo chefe Lopes uma photographia de Urbino de Freitas. Disse o sr. Brito e Cunha que o individuo retratado se parecia muito com o desconhecido que dera o nome de Eduardo Motta. Comtudo, para que do seu espirito se varresse a menor duvida, muito desejaria vêr-se na preseuça do accusado. Foi isto que motivou a nova diligencia que, apesar de habilmente planeada e levada a effeito, não deixou de ser conhecida dentro de algumas horas, produzindo na cidade extraordinarios boatos entre os quaes o de ter fugido das cadaias da Relção Urbino de Freitas. Effectivamente este não se encontrava alli, pois tinha partido para os Arcos sob a guarda do chefe Lopes e de quatro agentes da 1.ª divisão.

A partida teve logar no comboio mixto das 4,40 da madrugada de hontem, acompanhando tambem o preso o sr. dr. Miguel Pestana e o sr. dr. Moraes Carvalho, commissario geral de policia. Como é sabido, n'esse comboio não são attrelladas carruagens de 1.ª classe. Assim para se effectuar a viagem, houve de se engatar uma d'essas carruagens ao comboio, destinando-se um dos compartimentos ao preso e aos guardas que o escoltavam; n'outro tomaram logar os srs. drs. Miguel Pestana e Moraes Carvalho. E vem a proposito notar-se que todos estes trabalhos policiaes foram conduzidos com apreciavel discrição. E facto que algumas pessoas sabiam do que se tratava, mais ou menos vagamente, mas nada

---

112

FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XIII PARTE

A MUSICA, O AMOR E O JOGO

I

RAPHAEL DAVID

Dois annos depois de celebrado o matrimonio de Fanny Ratt e o mexicano Tapulca, os dois esposos viviam em Paris n'um semi-palacio.

O faustuoso luxo da ex-bailarina foi por alguns dias o assumpto da conversação da primeira sociedade de Paris. Todos conheciam Fanny, todos tinham applaudido as suas piruetas e desejado as suas graças, e Tapulca vivia em continuo sobresalto.

Uma mulher formosa e habituada a render culto ao capricho, é a espada de Dionisio o Antigo, suspensa sobre a cabeça de seu marido.

Não obstante, Tapulca não podia queixar-se de sua mulher: ella era-lhe fiel, se bem que aquella fidelidade lhe custava muitos milhares de francos.

Fanny tinha quatro carruagens e um guardaroupa digno de competir com o de uma princeza russa.

Era tanto o resplendor das joias com que se adornava, que havia noites em que mal se podia fital-a.

Tapulca soffria com gosto os extraordinarios gastos de sua mulher, porque a amava e julgava-se correspondido. De vez em quando acontecia dizer-lhe:

— Querida Fanny, abafo em Paris, sinto precisão de atravessar o oceano, de ver as impenetraveis selvas da minha patria. A ex-bailarina fazia um tregeito encantador, e encostando familiarmente o braço ao hombro do marido, retorquia-lhe:

—Não me falles em passar o mar... O que vamos nós fazer á tua patria, onde a nossa existencia está tão pouco segura?... Paris tem encantos que não deves desconhecer; dois esposos ricos devem considerar Paris como a sua patria, e não residirem senão na capital da França. O mexicano suspirava e deixava passar um mez sem tornar a fallar a sua mulher da viagem sonhada. Assim estavam as coisas, quando os periodicos de Paris annunciaram a chegada d'um joven musico, chamado Raphael David. O folhetim encarregou-se do elogio d'este musico hespanhol, que tinha passado alguns annos percorrendo a Italia, e fez d'elle quasi um heros de romance.

Vivia com sua irmã, indifferente ao amor, porque a musica, essa arte divina, era toda a sua alma.

Dizia-se tambem, que não só tinha composto duas operas, cantadas com grande exito no theatro da Scala de Milão, mas que, além d'isto, era dotado d'uma voz de baritono, que bastaria para fazer a sua fortuna se quizesse especular com ella.

E ainda, como se Deus tivesse querido derramar todos os dotes sobre aquella creatura feliz, Raphael David era formoso, elegante, seductor, e de surprehendente habilidade para tocar piano. Em Paris tira-se partido de tudo: Raphael David fez-se o homem da moda: frequentou os salões mais aristocratas, e o emprezario da Opera Italiana annunciou nos cartazes que estava ensaiando uma obra do maestro compositor hespanhol.

Debora era o titulo da opera. Todos os *dilettanti* arderam em desejos de conhecer tão celebrada partitura.

Fanny começou a aborrecer-se.

O sr. de Tapulca, visto atravez dos seus milhões, tinha-lhe parecido acceitavel; visto porém de perto, parecia-lhe horrivel. A côr do rosto tinha a tinta entre o mulato e o quartão. As feições grossas, os cabellos crespos, as mãos grossas começavam a desgostar Fanny. Accrescia a isto, o máu gosto que presidia ao vestuario de Tapulca. O bom gosto estava longe de Tapulca mais de seiscentas leguas. Por mais de uma vez a formosa Ratt mordeu os labios, ouvindo as picantes chufas de que seu marido era objecto. Em certas mulheres, a paixão dominante é a vaidade.

Fanny Ratt daria um milhão de duros para ter por marido um dos muitos elegantes que tantas vezes vira a seus pés implorando-lhe um sorriso. Quando uma mulher casada entra em comparações póde julgar-se perdida. Da comparação á infidelidade ha uma distancia que vence com uma phrase pronunciada em voz baixa, com um olhar imprudente, com um beijo. Esta distancia é um unico passo. Depois, se se quer retroceder, aquelle curto espaço converte-se n'um abysmo. Chegou a noite da primeira representação da *Debora*.

Fanny esperava com impaciencia esta noite. Porque? Ella mesma não sabia explicar. O certo é que ia contando em silencio e notando os dias no coração. Nunca o tempo lhe parecera tão longo. Fanny vestiu-se com o trage mais rico e que melhor lhe ficava. A formosa Ratt conservava ao seu serviço um secretario feminino, a astuciosa Lisette. Não tinha querido separar-se d'aquelle poderoso auxiliar, para o caso de poder chegar a alguma situação extrema.

Uma mulher como Fanny é rica em recursos nos casos graves; mas tendo a seu lado outra mulher como Lisette, é poderosa.

Lisette contemplou sua ama dos pés até á cabeça e assegurou-lhe nos termos mais energicos e expressivos, que nunca a tinha visto tão formosa.

A carruagem esperava á porta. Fanny Ratt ia mandar recado a seu marido, quando entrou a criada de quarto com um precioso bouquet formado por formosas camelias, e disse a sua ama:

— Não leva isto?

Fanny olhou para Lisette sem a comprehender.

— Espera-se—accrescentou Lisett—que a opera *Debora* tenha extraordinario exito, e é justo que as mulheres de coração que rendem tributo á arte, arrogem flôres ao genio, quando fôr chamado ao palco.

Fanny recebeu o ramo, agradecendo com um sorriso a previsão de Lisette. Do ramo pendia uma fita verde de meia pollegada de largura.

Lisette tinha atado o ramo com aquella fita, já com segunda intenção.

Desejava que sua ama atasse a fita a um dos seus anneis.

Esta lembrança da criada de Fanny tinha uma explicação logica, que os leitores saberão a seu tempo.

Quando Fanny e seu marido chegaram ao theatro já a simphonia ia em meio.

— Chegámos tarde—disse Fanny sentando-se e collocando o binoculo e o ramo sobre o lustroso parapeito do camarote. O mexicano sentou-se tambem na sua cadeira e respondeu com indifferença:

— A simphonia tem pouco interesse.

—Não digas isso; é a base da opera.

— Pois então no decurso da opera ouviremos a simphonia.

Fanny assentou o binoculo para um ponto da sala, e deu por terminado aquelle principio de altercação.

O theatro estava completamente cheio. Respirava-se certa atmosphera agradavel, a vista do camarote era encantadora. Fanny mal conhecia Raphael David: tinha-o visto uma manhã no bosque de Bolonha: ia elle n'um elegante cabriolé ao lado d'uma senhora tão formosa como modesta.

Poucos dias depois, soube que a tal dama se chamava Angela e era irmã do musico. Disseram-lhe tambem que Angela cantava como um rouxinol; mas que era tão timida, que fugia do frequente trato das altas reuniões para onde seu irmão era convidado. Raphael tinha-lhe passado como um relampago; mas aquelle relampago, illuminando-lhe a alma, deixou doce e vaga recordação.

Tapulca nada suspeitara.

Um marido, regularmente, não tem o dom de lêr na alma de sua mulher. Deus assim o quiz, sem duvida para evitar ao homem uma vida de infernaes tormentos. Acabada a simphonia, subiu o pano. O publico applaudiu a *mise-en-scene*, como dizem os francezes. O primeiro quadro estava bem combinado e melhor ensaiado.

Representava uma paisagem agreste, semeada de altas e copadas arvores. Debora encostada ao tronco de uma palmeira, com o braço direito estendido como quem ordena, o olhar fito no céo, com o dôce extasi dos inspirados, tinha o povo israelita em volta de si, como extasiado, ouvindo a poderosa logica da sua palavra.

Velhos, crianças, mulheres, homens, vestidos com o modesto trage dos filhos de Abrahão, uns de pé e encostados aos bordões, outros sentados, rodeavam a inspirada legisladora.

No ultimo plano destacavam-se as elevadas cordilheiras d'uma montanha, ao pé da qual via-se uma tenda, dois camellos e oito arabes.

Aquella caravana, que de longe contemplava o povo eleito por Deus como temendo profanal-o com o seu contacto, dava um caracter especial, um aspecto local ao quadro que o publico applaudia com estrepito.

Depois dos applausos unanimes, começou o côro de introducção.

O publico escutou extasiado uma melodia que recordava a dôce melopéa das haspas dos filhos de Judá.

A opera começava brilhantemente.

Em metade ao acto, já não se duvidava do exito: tinham sido applaudidas algumas phrases musicaes que os entendidos classificavam de primeira ordem. No fim do acto foi chamado o auctor. Raphael David appareceu na scena. Os seus olhos, claro espelho da sua elevada alma, espalharam a luz pelo theatro. A sua figura, nobre e formosa, foi mais um exito.

Todos os espectadores se interessaram na gloria d'aquelle mancebo tão bello quanto intelligente.

O vestuario, simples e elegante, apresentava certa desordem e separava-se da vulgaridade.

A fronte alta e lisa parecia dominar a multidão que o applaudia.

Raphael David era de origem humilde: filho de um pastor e de uma montanheza, nascera n'uma cabana, e devia a educação musical a um organista de aldeia, e a subsistencia á caridade d'um nobre militar.

Quando a sua alma sonhadora chegou a realisar o bello ideal, quando já homem e professor poisou com passo inseguro, pela vez primeira, as ruas de Madrid, viu-se obrigado, para ganhar a vida, a tocar piano n'um café.

Depois, uma aventura amorosa, poz-lhe nas mãos um marquezado e uma fortuna; mas David era artistas de coração, e quiz dar nome áquella que chegasse a ser sua esposa, e não recebel-o. Raphael tinha amado loucamente uma mulher; mas persuadido que a realisação d'este amor era um impossivel, abandonou a Hespanha e passou á Italia, entregando-se completamente á musica.

Ambicionava um nome e conquistou-o (1) era isto a sua maior gloria, o seu orgulho, a sua riqueza.

Vivia, pois, como artista, do seu talento, e estava, póde dizer-se, de passagem em Paris, porque o seu sonho doirado era a Hespanha.

Angela, sua irmã, de quem nunca se separava, vivia com elle, mas em habitação separada, porque David estava sempre rodeado de admiradores que prentendiam a sua amizade.

Tinha tanta amizade a Angela como á gloria; o seu unico cuidado era vel-a feliz. Angela tinha uma d'essas organisações suaves, tanquillas.

A sua alma, pura e candida, dormia no sanctuario do seu peito, sem conhecer as ternas inquietações do amor. Deus não tinha querido despertar-lh'o para que ella experimentasse os embates das paixões.

Tinha vinte e seis annos e a pureza da infancia. O seu unico afan, o seu unico amor, a sua unica alegria, limitava-se em ver seu irmão contente e feliz. Nada ambicionava. Era modesta como a virtude, simples como a candura, formosa como a caridade.

Tinha uma ambição; era desejar para seu irmão toda a gloria que póde caber a um homem.

Se lhe houvessem dito: faze o sacrificio da tua vida, e Raphael chegará ao que deseja, teria caminho para a morte com o singelo e sereno sorriso dos martyres. Na noite da estreia da *Debora* em Paris, estava n'um camarote da ultima ordem, só com a sua creada. As suas formosas mãos não applaudiram o inspirado compositor, mas as suas dôces lagrimas correram com abundancia. Começava a ver realisado o seu souho. Raphael apparecia-lhe coroado com uma aureola de luz.

O espirito sublime e mysterioso do genio fluctuava lhe no brilhar dos olhos. Angela só pronunciou esta exclamação, durante toda a noite:

— Obrigada, meu Deus!

Depois chorava, sorria-se e suspirava. Cada vez que o publico applaudia o maestro David, o coração de Angela sentia-se commovido.

Cada *bravo* que os enthusiastas lhe prodigalisavam, acordara um ecco n'aquella alma. Para Angela nada existia em redor seu.

A gloria de seu irmão expargia-se pelo theatro, cheia de esplendor.

(Continua.)

(1) O personagem Raphael David pertence ao romance «A Inveja:» por isso o descrevemos ligeiramente.

tra[illegible] deixasse prever a gravidade que [illegible] esta diligencia. [illegible] é que Urbino de Freitas foi [illegible] de que tinha de fazer uma viagem, e é certo que partiu, e assim devia ser, ignorando completamente para onde e a importancia que na sua sorte ia ter a acareação a que seria algumas horas depois sujeito.

O preso e as auctoridades que o acompanhavam almoçaram em Braga, no Hotel do Hijo, seguindo depois, em dois carros, para o seu destino.

Do que se passou nos Arcos soube-se n'esta cidade depois das 4 horas da tarde, primeiro por um telegramma expedido pelo sr. dr. Miguel Pestana a seu irmão, e depois por um outro, do sr. commissario geral, com recommendação de ser facultado aos jornaes. No primeiro vinha a declaração importantissima de que o sr. Brito e Cunha reconhecera immediatamente em Urbino de Freitas a pessoa que lhe pedira para despachar a caixa das amendoas, dando o nome de Eduardo Motta. No segundo, ratificava-se este facto importantissimo, accrescentando que no acto de reconhecimento o sr. Brito e Cunha dissera:

— «Reconheço-o pela phisionomia, gestos e voz. Assim fica tranquilla a minha consciencia!»

A esposa, D. Augusta, tambem sem hesitação alguma reconheceu no dr. Urbino o seu mysterioso companheiro de viagem. Depois, sendo-lhe presente e a seu marido o envolucro e caixa das amendoas, reconheceram aquelle como a capa do volume que lhes tinha sido entregue, não havendo a menor duvida nem na letra nem no lacre. Tambem o sr. Brito e Cunha reconheceu a guia do correio, como a mesma que servira para a expedição.

Quando ainda a policia portuense ignorava a residencia actual do sr. Brito e Cunha, foi d'esta cidade expedido para Lisboa um telegramma, pedindo para se averiguar alli se na lista dos passageiros sahidos para o Brazil no mez de março de 1890 figurava o nome d'aquelle senhor. A resposta foi negativa, o que não é para estranhar porque as passagens foram compradas n'esta cidade pelo sr. Daniel Luiz Vieira de Abreu, agente de passaportes, estabelecido á rua do Loureiro. O sr. Brito e Cunha e sua familia embarcaram no paquete *Savoie*. Os passaportes foram tirados no governo civil d'este districto. Tambem soubemos que foi o sr. Terra Vianna, commissario da 2.ª divisão, o encarregado d'avisar o dr. Urbino de Freitas de que teria de partir na madrugada de hontem, occultando-lhe, já se vê, o fim da viagem. O aviso foi feito pouco depois da meia noite. O chefe Lopes, sendo encarregado de procurar na Foz o sr. Brito e Cunha, ignorava completamente qual o fim d'essa diligencia. Soube-o no comboyo, quando, com o sr. dr. Pestana, foi a primeira vez nos Açores. Tambem nos consta que, quando, chegados aos Arcos, procuraram o sr. Brito e Cunha, a esposa d'este senhor, posta ao facto do que alli os levara, negou que seu marido soubesse coisa alguma. Isto passava-se no andar inferior da casa, mas o sr. Brito e Cunha, ouvindo no seu quarto o rumor de vozes estranhas, que pareciam altercar, perguntou:

— Quem está ahi?

Respondendo a esposa:

— São as justiças do Porto!

— Pois que subam e depressa, que eu conto-lhes tudo!

Fez então as declarações, confirmadas no acto pela esposa, cujo primeiro movimento negativo devia ser poupar o marido ao incommodo inevitavel, que as suas declarações lhe deveriam acarretar. Este está soffrendo de *beriberi* e d'uma lesão do coração.

A diligencia de hontem é assim relatada pelo nosso presado correspondente em telegramma das 6, 29 da tarde que diz o seguinte:

«Acompanhado do sr. Adriano de Moraes Carvalho, commissario geral de policia d'essa cidade, chefe Lopes, quatro guardas civis e dr. Miguel Pestana, chegou hoje aqui Urbino de Freitas, afim de ser reconhecido por Manuel Brito e Cunha, d'esta villa, a quem aquelle entregou um pequeno volume, pedindo que o despachasse em Lisboa. Esse volume era sobrescritado para Bertha Sampaio, da rua das *Flores, d'essa cidade. O sr. Brito e Cunha* partia com sua familia para Lisboa, para d'alli a dias seguirem para o Brazil. Na mesma carruagem ia o desconhecido que lhe pediu para se encarregar da expedição do volume.

Urbino de Freitas foi introduzido com outros individuos na sala onde estava Brito e Cunha, que sem a menor hesitação, o apontou, dizendo:

— E' aquelle! Reconheço pela phisionomia o mesmo individuo que se me apresentou com o nome de Eduardo Motta. E como Urbino de Freitas protestasse:

— E' o mesmo! Gesto e voz não me offerecem nenhuma duvida! Foi elle quem me deu o volume e trezentos reis para o despanho. Sendo depois apresentado a Brito e Cunha o envolucro, tambem reconheceu pela tinta, letra e lacre que era o mesmo que Urbino de Freitas lhe tinha entregado.

Este, horrorosamente pallido e titubeando, negou terminantemente aquella affirmativa, dizendo que acreditava que aquillo poderia ter acontecido, mas que não fôra com elle. Depois, na presença do accusado, foi lido o auto a que tinham sido reduzidas na primeira diligencia as declarações do sr. Brito e Cunha.

Urbino ouviu essa leitura afflictivamente e levando muitas vezes as mãos á cabeça com gestos de desespero. A sua exclamação final foi a seguinte:

—«Isto é uma guilhotina moral!»

A noticia de que Urbino de Freitas estava n'esta villa espalhou-se rapidamente e á porta de Brito e Cunha reuniu-se grande agglomeração de povo para conhecer o accusado. Auctoridades e preso seguem hoje para ahi.»

Esta ultima parte do telegramma não se confirmou. Até ás 2 horas da madrugada de hoje, nem o preso nem as auctoridades que o acompanharam tinham regressado.

Na cadeia, a noticia de que tinha de sahir na madrugada de hontem produziu em Urbino de Freitas uma agitação extraordinaria. Parece que o preoccupava a ideia de que ia ser mudado de prisão e n'este sentido dirigiu frequentes perguntas aos guardas, que se limitavam a responder que nada sabiam — a verdade. Não dormia até á hora a que o foram buscar, 4 e 1/4 da madrugada e, á sahida, perguntou se devia levar roupa. Responderam-lhe que levasse uma pequena mala de mão com roupa branca, o que elle fez. Quiz tambem entregar a chave do quarto de malta que occupava, mas disseram-lhe que não havia inconveniente algum em que a levasse. A esposa, que ignorava completamente a que se tinha passado, enviou-lhe á hora costumada o almoço. Na cadeia soube a creada que o dr. Urbino de Freitas não estava alli. Com grande espanto se divulgou a noticia e d'isso nasceu o boato da fuga, que circulou por muitas horas, correcto e augmentado, cessando quando começou a transpirar o motivo da partida e a importantissima diligencia que á mesma dera causa.

Regulamento

Damos em seguida a conclusão do regulamento geral dos serviços agricolas nas aguas interiores do paiz, publicado no *Diario do Governo* de 25 do corrente:

Art. 50.º As malhas das redes e os intervallos das nassas de verga, canna ou arame, e outros apparelhos similhantes, empregados para a pesca nas aguas interiores do paiz, terão as dimensões seguintes:

1.º Para os salmões, corvinas, solhos-rei (esturjões) e saveis, 40 melimetros pelo menos;

2.º Para as especies maiores exceptuando as do n.º 1 d'este artigo, 27 milimetros pelo menos;

3.º Para as especies menores, taes como: bogardos, morcas, piardas, lingueirões, bulideiras e outras, 10 melimetros pelo menos;

§ 1.º As dimensões designadas nos n.º 1, 2 e 3 d'este artigo, serão tomadas no lado da malha, depois da rede bem molhada, tolerando-se na medição uma differença para menos que não exceda um decimo da determinada nos referidos numeros.

§ 2.º As dimensões determinadas n'este artigo, serão fixadas definitivamente pelo governo segundo as indicações da commissão de piscicultura.

Art. 51.º As redes fixas, fluctuantes e derivantes, não poderão exceder em comprimento dois terços da largura dos rios, rias, esteiros, canaes ou vallas em que forem lançadas, deixando sempre ficar livre um terço d'aquella largura, na qual se comprehenda o *thalweg*.

§ unico. Quando forem lançadas simultaneamente muitas redes, apoiadas sobre a mesma margem, ou em margens oppostas, deverão intervallar-se a uma distancia nunca inferior ao triplo do comprimento de cada rede.

Art. 52.º Qaundo se empregarem as redes fixas deverão ser suspensas pelo meio, em cada semana, durante trinta e oito horas, desde o sabbado ás cinco horas da tarde até segunda-feira ás sete horas da manhã, em uma extensão equivalente á decima parte do seu comprimento, deixando entre o fundo e a tralha inferior um espaço livre com 50 centimetros, pelo menos de altura.

Art. 53.º São prohibidas para a pesca, nas aguas interiores do paiz, todas as redes de arrastar pelo fundo.

§ unico. Exceptuam-se, do disposto do n'este artigo, a chumbeira ou tarrafa de mão, e a côa, manobradas por um homem.

Art. 54.º São prohibidos para a pesca, nas aguas interiores do paiz, os grandes apparelhos fixos de fundo, conhecidos pelo nome de *botirões fixos* e *armadilhas de tapa esteiros*.

Art. 55.º E' prohibido amarrar redes, nassas, cestos ou outros apparelhos de pesca aos diques, barragens, descarregadores, aqueductos ou portas d eagua.

Art. 56.º E' prohibibo estabelecer dentro de agua redes ou apparelhos de grandes dimensões destinados a encaminhar os peixes para espaços d'onde elles não possam mais sair, ou que os forcem a passar por um canal, esteiro ou valla onde estejam installadas armadilhas.

Art. 57.º E' prohibido pescar nas zonas aquaticas, nas quaes o nivel da agua tenha artificialmente sido baixado por motivo de obras ou limpeza.

Art. 58.º E' prohibido pescar, em qualquer epoca do anno, nas zonas aquaticas designadas e assignaladas pelas circumscripções hydraulicas para abrigos, desovadeiras e viveiros de reproducção.

Art. 59.º E' prohibido pescar com qualquer apparelho, exceptuando a linha de mão fluctuante, dentro das eclusas, descarregadores, aqueductos, comportas ou escadas para os peixes, assim como a uma distancia inferior a 60 metros para montante ou para jusante d'estas obras.

Art. 60.º Os directores das circumscripções hydraulicas, depois de consulta favoravel da commissão central permanente de piscicultura, poderão permittir a pesca extraordinaria de determinadas especies nocivas á propagação de outras de maior valor.

Art. 61.º Instrucções especiaes, formuladas pela commisão central permanente de piscicultura e approvadas pelo governo, desenvolverão os assumptos tratados n'este capitulo para cada uma das regiões do paiz.

CAPITULO V

Da policia e exploração da pesca nas aguas interiores do paiz

Art. 62.º A policia da pesca, tanto nos rios, rias, canaes, esteiros, vallas e lagôas navegaveis ou fluctuaveis, a montante da linha que limita a jurisdicção das auctoridades maritimas, como nas aguas não navegaveis nem fluctuaveis, será exercida na conformidade da doutrina do § 2.º do artigo 23 do decreto n.º 8, com força de lei, de 1 de dezembro de 1892, e do artigo 395 do codigo civil, pelas direcções das circumscripções hydraulicas e seus agentes, segundo as disposições do regulamento de 19 de dezembro de 1892, sobre serviços hydraulicos, observadas as prescripções do presente regulamento.

§ unico. A pesca nas lagoas, tanques, viveiros e parques particulares, cujo peixe não possa ter entrada e saida livre, pertence exclusivamente aos proprietarios de taes lagoas, tanques, viveiros e parques, e não é sujeita ás disposições do presente regulamento, observadas as prescripções dos n.os 3 e 11 do artigo 26 do mesmo regulamento.

Art. 63.º Serão consideradas aguas particulares, para o effeito do exercicio da pesca, os canaes de irrigação, albufeiras, estabelecimentos de piscicultura ou piscifactura, viveiros, parques e quaesquer prezas ou correntes artificiaes de aguas, que forem possuidas pelo estado, por alguma empreza ou companhia, ou gremio dos proprietarios, organisado nos termos do decreto de 30 de setembro de 1892, ou por particulares, observadas as disposições d'este regulamento.

Art. 64.º E' permittido a todos, sem distincção de pessoas, e independentemente de licença, a pesca, nas aguas publicas interiores do paiz, com a linha fluctuante de mão, excepto nas epocas defezas, determinadas pelos n.os 1 e 2 do artigo 43 d'este regulamento.

§ unico. Será considerada pesca com a linha fluctuante de mão, para os effeitos d'este artigo, a qne attender ás disposições seguintes:

1.º A linha fluctuante póde ter muitos anzoes e ser amarrada a uma haste qualquer;

2.º E' permittido pescar com a linha fluctuante, quer da margem quer embarcado, comtanto que a linha, ou a haste a que ella amarra, esteja sempre na mão;

§ unico. Será considerada pesca com a linha fluctuante de mão, para os effeitos d'este artigo, a que attender ás disposições seguintes:

1.º A linha fluctuante póde ter muitos anzoes e ser amarrada a uma haste qualquer:

2.º E' permittido pescar com a linha fluctuante, quer da margem quer embarcado, comtanto que a linha, ou a haste a que ella amarra, esteja sempre na mão;

3.º E' permittido pescar no fundo, a meia agua, ou á superficie, pondo na linha qualquer peso, comtanto que o fluctuador suspenda a chumbada, não impedindo que a linha vá á deriva com a corrente.

Art. 65.º O governo, pelo ministerio das obras publicas, commercio e industria, ouvida a commissão central permanente de piscicultura, e observadas as disposições do presente regulamento e instrucções especiaes, poderá conceder ou contratar por arrematação o exclusivo da pesca, em determinadas zonas dos rios, rias, esteiros, canaes e lagoas publicas, a companhias, emprezas ou particulares, mediante a licença de pesca annual de 1$000 réis por hectare de superficie concedida, e a quantia que em praça for offerecida pela zona pedida pelos emprezarios, gerentes ou particulares, observadas as disposições seguintes:

1.º A concessão ou contrato será requerido ao governo por intermedio dos directores das circumscripções hydraulicas, acompanhando o requerimento da planta da zona pedida, condições da concessão ou contrato, e preço offerecido pela arrematação do exclusivo da pesca na zona pretendida;

2.º Os directores das ciacumscripções hydraulicas depois de abrirem o inquerito administrativo, e de investigarem todas as condições da proposta, informarão os requerimentos, em harmonia com as prescripções regulamentares, concluindo pela approvação ou rejeição do pedido;

3.º Os processos instruidos, conforme preceituam os n.os 1 e 2 d'este artigo, subirão á consulta da commissão central permanente de piscicultura, ouvido o inspector dos serviços de exploração das aguas interiores do paiz, e em seguida serão submettidos a despacho do ministro pela direcção dos serviços agricolas;

4.º O governo resolverá, segundo as informações, se deve ou não fazer a arrematação, firmando o termo de concessão ou contrato, e incluindo as condições de ser valido por um anno civil e intransmissivel durante este prazo, ficando o concessionario com a preferencia para o anno seguinte quando o preço da arrematação for igual ao de outro licitante;

5.º Nas zonas concedidas, só será permittida a pesca por meio de quaesquer apparelhos ou redes, excepetuando a linha fluctuante de mão, que é permittida a todos, segundo as disposições do artigo 78 do presente regulamento, ou pessoas que este auctorisar;

6.º Os concessionarios ou arrematantes são responsaveis pelas transgressões ao presente regulamento, commettidas nas suas respectivas zonas, applicando-se-lhes as mesmas penalidades que a quaesquer contraventores.

Art. 66.º Nas zonas das aguas publicas não concedidas, segundo os termos do artigo antecedente e seus numeros, será permittida a pesca, com todos os apparelhos não prohibidos por este regulamento e instrucções especiaes, mediante a licença annual e individual de 1$000 réis.

Art. 67.º Os annuncios para os arrendamentos por zona, serão publicados no jornal official e affixados nas igrejas matrizes do concelho em que a zona for situada, e os arrendamentos serão feitos durante o praso de sessenta dias, desde 15 de outubro até 15 de dezembro de cada anno, começando o contrato a vigorar no 1.º de janeiro do anno seguinte.

Art. 68.º Os arrendamentos a que se refere o artigo antecedente e o artigo 65, só terão validade quando feitos, segundo as prescripções do presente regulamento.

Art. 69.º As contravenções contra o disposto nos artigos 32, n.os 3 e 4, 37, 40, 41, 47, 51, 52, 55, 56, 57, 59 e § unico do artigo 62, serão punidas com as multas de 1$000 réis a 10$000 réis.

Art. 70.º As contravensões do n.º 5 do artigo 32, artigos 34, 35, 36, 43, 44 e 58 serão applicadas as multas de 2$000 réis a 20$000 réis.

Art. 71.º A's contravenções commettidas contra o disposto nos artigos 33, 38, 46, 48, 53, 54 e n.º 5 do artigo 65, serão impostas as multas de 5$000 a 50$000 réis.

Art. 72.º As reincidencias das contravenções designadas nos artigos 69, 70, e 71, serão punidas com o puplo das multas que nos referidos artigos, são applicadas áquellas contravenções.

Art. 73.º A's contravenções de que tratam os artigos 69, 70 e 71 d'este regulamento, quando praticadas de noite, serão applicadas o dobro das multas respectivas.

Art. 74.º Pelas contravenções de que tratam os artigos 69, 70 e 71 serão levantados autos pelos mestres de vallas e guardas ajuramentados das circumscripções hydraulicas, os quaes terão força legal em juizo até prova plena em contrario, servindo de corpo de delicto, quando pelo ministerio publico ou pelo contraventor não for requerido auto especial.

Art. 75.º Estes autos serão enviados aos agentes do ministerio publico das comarcas onde o delicto se houver dado para requererem o processo competente, em conformidade do codigo penal e d'este regulamento, de cujo andamento e sentença darão parte ao director da circumscripção hydraulica respectiva.

Art. 76.º Quando a multa for fixa e pecuniaria, ao transgressor será permittida a confissão expontanea da transgressão, pelo que se lavrará o competente auto, pagando a multa em que houver incorrido, a qual lhe será arbitrada pelo director da circumscripção hydraulica, pagando o transgressor os prejuizos, se os houver.

§ unico. Se a multa não for fixa, e o transgressor, confessando expontaneamente a transgressão, se prestar ao pagamento da multa e á importancia dos damnos se os houver, ser-lhe-ha imposto o minimo da multa, lavrando-se o competente auto, como para o caso da multa fixa.

Art. 77.º Os paes, amos e mandantes são civilmente responsaveis pelas infracções sobre a pesca, previstas n'este regulamento e nas instrucções especiaes, e que sejam commettidas respectivamente por seus filhos menores, creados ou mandatarios.

Art. 78.º Os apparelhos prohibidos na pesca serão apprehendidos pelos guardas e mais agentes das circumscripções hydraulicas, e destruidos, sem indemnisação, lavrando-se de tudo o competente auto. O peixe pescado em contravenção será apprehendido e terá o destino que a auctoridade competente designar.

Art. 79.º O peixe proveniente dos viveiros de engorda, ou estabelecimentos de piscicultura, que for apresentado para a venda, não está sujeito ao actual imposto do pescado.

Os primeiros vendedores deverão justificar perante os agentes fiscaes a proveniencia do peixe, apresentando uma factura, do estabelecimento ou viveiro, com a quantidade, qualidade e valor do peixe, a qual será verificada e visada pela auctoridade fiscal antes de começar a venda.

Art. 80.º Os peixes novos destinados aos viveiros de engorda, e os peixes adultos colhidos na epoca da desova para a reproducção nos estabelecimentos de piscicultura, ficam isentos de qualquer imposição tributaria.

Art. 81.º As quantias provenientes das arrematações por zonas entram nos cofres das recebedorias do concelho respectivo, e as que provierem das multas prescriptas no presente regulamento dão entrada nos cofres das circumscripções hydraulicas, nos termos dos regulamentos que regem estas circumscripções. Das primeiras inscreverá o governo annualmente no orçamento uma verba para as despezas dos serviços aquicolas, podendo crear premios pecuniarios para dar a individuos que tenham prestado serviços relevantes á piscicultura ou apresentado publicações, ou memorias sobre estes assumptos e que os possam elucidar ou melhorar.

Art. 82.º As disposições do presente regulamento não são applicaveis aos rios limitrophes do paiz, nos quaes a pesca será regida por regulamentos especiaes.

Paço, em 20 de abril de 1893.— *Bernardo Luiz Machado Guimarães.*

CARTA DE VAGOS

28 DE ABRIL DE 1893.

OS REGENERADORES DE VAGOS

Começamos esta por dar conhecimento aos leitores do muito lido *Campeão das Provincias*, das discordias que começam a apparecer no seio da sociedade secreta que n'esta villa foi constituida, e que tem por fim promover qualquer tramoia contra o fortissimo partido progressista, bem como fazer ver aos habitantes d'este concelho que só os regeneradores é que têem força, no que elles não acreditam, apesar que um dos que fazem parte d'essa sociedade já tivesse a ousadia e a força bruta de fazer uma proeza que sete athleticos lavradores não foram capazes de levar a effeito. Os outros fins d'essa sociedade guardamol-os para outra occasião que não faremos esperar. Hoje porém diremos aos leitores as causas que déram origem a essas desavenças, e que cada vez se vão tornando mais manifestas.

Pela transferencia do contador d'esta comarca, Alberto de Sousa Vilhena, para a Gollegã, têm-se observado n'esta villa uma agitação tão grande que nos faz lembrar esses dias de lucta eleitoral, em que os regeneradores com 100 votantes pretendiam vencer a eleição da camara contra os progressistas que contavam com um numero superior a 1$200. E como resolveram elles vencel-a, havendo uma differença immensamente grande entre aquelles dois numeros? D'um modo muito facil. Requisitaram uma força de cavallaria, commandada pelo *grande* Alvaro José, que, ás ordens do sr. A. de Brito, administrador do concelho, praticou as maiores arbitrariedades, prendendo o nosso querido amigo sr. dr. Manuel de Almeida e Silva, presidente da commissão do recenseamento, por este cavalheiro, que era a sombra implacavel d'elles, ter protestado contra a formação da mesa antes das 9 horas, pois ainda não eram 8 e um quarto e já estava funccionando sob a presidencia d'um individuo qualquer. Todavia nem á força d'armas, ainda que fosse prohibida a votação dos progressistas, poderam alcançar a victoria que tanto desejavam, que era o seu sonho dourado, a maior gloria da sua vida politica, como diziam, porque o partido progressista não consentiu nem consentirá em tempo algum que esses *heroes*, que tiveram a infeliz lembrança de organisar com uns individuos quaesquer um partido n'este concelho contra o do insigne sr. conselheiro Luciano de Castro vençam uma eleição mas enganaram-se, como sempre, esses que tal tentaram. Mas deixando isto, passemos ao que mais importa, e que diz respeito á nomeação do contador.

E' irrisorio, é baixo, e, mais do que tudo isto, é d'uma fraqueza innumeramente vergonhosa o que se está presenceando n'esta villa da parte d'aquelles que nas ultimas eleições guerrearam o partido progresista, e agora, para obter o logar, tiveram que se ajoelhar perante os mesmos progressistas, e com as mãos erguidas lhes imploram a sua protecção. Cobardes!...

Demais vejamos se é ou não irrisorio o procedimento d'esses regeneradores. Estes senhores pretendem que o novo contador seja um dos quatro individuos que mais se distinguiram pelas façanhas que cometteram nas ultimas eleições municipaes, e por isso os dois chefes não sabem a quem hão-de fazer a vontade, isto é, pensam, meditam, matutam, imaginam mil ideias para ver se descobrem o modo, ainda que vergonhoso, como e quem ha de ser o beneficiado.

Ora os pretendentes, como dissémos, são quatro, Eugenio, Evaristo, A. de Brito e Antonio Vidal, que sempre foi progressista, mas, obrigado pela sua torpe ambição, entregou-se, com todas as forças da sua alma, nas mãos do prior, na persuação de que este cavalheiro com a sua *illimitadissima influencia politica* lhe podesse arranjar um nicho, aonde passasse mais satisfatoriamente os dias da sua vida, não se lembrando que, quando foi creado o julgado municipal foram os progressistas que pediram para elle ser nomeado sub-delegado, o que se conseguiu. Homens como este, rua com elles, porque não são dignos de estarem ao lado d'aquelles que têm um coração para agradecer os beneficios e sacrificios que os outros fazem por elles.

Mas o que se torna mais engraçado é que todos elles querem ser despachados para o mesmo logar e para a mesma comarca, o que julgamos impossivel. Em taes condições não sabemos como os dois chefes do partido regenerador hão de resolver este difficil e complicadissimo problema para que continuem a viver em harmonia e sociedade, onde tem sido resolvido toda a qualidade de desaforo. Não o sabemos realmente, mas o que podemos agourar é que nenhum dos quatro será nomeado, quanto mais todos, por que está evidentemente reconhecido que, quer estejam no poder os progressistas, quer os regeneradores, quer o José Dias, nada conseguem, por que a força, que elles dizem ter, é phantastica. O que é certo é que a nomeação do novo contador tem dado origem e continuará a dar um grande motim entre os regeneradores, pois já estão alguns convencidos de que os seus chefes não tem importancia alguma. Estamos mesmo convencidos, de que o José Paes e Prior hão de passar pelo cruel desgosto de ficarem isolados, sem que tenham sequer um Antonio Brito para os acompanhar nos seus planos astuciosos.

Avisamos pois como amigos os quatro pretendentes que se esqueçam d'esse emprego, que tanto tem dado que fallar. No meio d'esta serie de desventuras só lastimamos que o sr. Vidal não possa obter esse nicho, pois sabemos que lhe era de grande utilidade — era a sorte grande da Bahia.

Paciencia.

— Foi aqui recebida com o maior jubilo a noticia da nomeação do nosso amigo dedicado, sr. Manoel d'Almeida Sobreiro, para a egreja d'Oyã, pelo que lhe enviamos d'aqui os nossos sinceros parabens, bem como aos habitantes d'aquella freguezia pelo nobre parocho que vão possuir.

Por causa d'essa nomeação estiveram na Mamarrosa de visita ao illustre parocho os ex.mos srs. dr. Manoel d'Almeida e Silva, dr. Pinhal, os parochos d'Ancas, do Troviscal, padre Manoel Nunes da Silva e outros.

Até breve. *J.*

BIBLIOGRAPHIA

Diccionario Chorographico de Portugal (parte continental e insular).— Está já publicado o fasciculo n.º 17 d'esta utilissima e interessante publicação, designando a população por districtos, concelhos e freguezias; superficie por districtos e concelhos; todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias ás sédes dos concelhos; e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de emissão de vales do correio, de encommendas *postaes, etc., do que é auctor o sr. F.* A. de Mattos. Cada fasciculo de 32 pa-

---

que um generoso sentimento nos inspire, para assim nos prevenirmos contra todo o espirito de preconceitos de partido.

Tambem eu me glorio de haver combatido contra os sectarios do tyranno: e fóra do santuario d'esta casa e quando visto a minha farda, ou cinjo a minha espada, sou um soldado da liberdade e ainda estou prompto para expor cem vezes a minha vida combatendo a tyrannia e não só o tyranno mas todos quantos ousarem levantar-se contra o chefe constitucional e contra a liberdade da minha nação. Mas apenas entro a porta d'esta camara, sou um deputado da nação portugueza, esqueço me que sou homem ou que ha partidos, lembrome só de que sou legislador, e como tal tenho obrigação de fazer leis justas e humanas, porque o legislador deve ser piedoso e ter coração de pae e mãe. Quanto a mim entendo que eu e vós, srs. deputados, somos representantes da nação toda e que todos os portuguezes são nossos filhos. (*Apoiado, apoiado*).

Sr. presidente, épocas desgraçadas teem existido na historia das nações, mas em minha opinião, desgraça maior não ha do que esta das guerras civis. Que desventura, sr. presidente, não é ver no seio d'uma nação os povos a pelejar uns contra os outros e mais desventura ainda quando depois de uma guerra tão desastrosa ficam longos vestigios das paixões! E se as vinganças succedem ás reacções e os campos são de novos alagados em sangue civil!... O tyranno que ha pouco reinou collocou-nos em tão terrivel necessidade; guerreamos e vencemos: não nos custou só sangue derramado, porque o sangue que demos á patria é o menos—estava em nossas veias—é o preço de nossa liberdade. Mas nossos filhos e netos... o despota nos obrigara a carregal-os com o pezo d'uma divida prodigiosa, que a elles lhes ha de custar a pagar!... Eis ahi o que doe e o que custa a quem pensa, a quem sente, e o porque nós gememos! E se nós agora por uma lei furiosa e de bruta vingança formos atiçar e renovar o brazeiro da guerra civil, outra divida immensa vae pesar sobre a nação, como se não bastasse aquella que já temos! E então em vez de remediar os males publicos, fomos aggraval-os; e á nação lhe fizemos um funesto presente de horrores, de sangue e de mise-

rias!... Pensem n'isso os paes da nação portugueza; os deputados, que devem meditar e reflectir; que não devem aqui escutar as suas paixões, nem lisongear as alheias, mas só com os olhos no seu dever, na patria e no futuro, olhar para o que é melhor e temer diante d'uma lei de excepção, de horror e de prescripção e que ameaça submergir Portugal n'um mar de calamidades! E' por isso que eu lhe submetto um projecto mais humano, mais justo e isto basta tambem para ser o mais politico. O seu principal fundamento é que n'este negocio a Camara siga a experiencia das nações cultas, que n'este caso nos deram exemplos que não são de despresar. Quero que sejam punidos os sectarios mais faccinorosos da rebellião, não aquelles que foram arrastados aos crimes por uma fatal cegueira dos seus entendimentos, (e d'esses ha muitos que não tinham olhos para ver, nem corações para amar a liberdade), nem aquelles tambem que foram levados a tão ignobil partido por uma falsa idéa de fidelidade; mas sim os que serviram e executaram a tyrannia e de suas crueldades foram os principaes instrumentos, depois de terem reconhecido e jurado obediencia ao monarcha libertador a quem trahiram, e fidelidade á nação a quem enganaram.

Mas, sr. presidente, no tempo das guerras civis, eu não sei bem quem é o culpado das desgraças, inevitavel e tristissima consequencia das revoluções e contra-revoluções; mas no caso presente, creio que não são só os miguelistas, que somos nós tambem e que é a nação toda, a nação porque não teve o valor para se oppôr á tyrannia, e que se deixou avassallar e opprimir por um malvado commum que não a podia fascinar nem com a apparencia de algum merito, nem com o resplendor do mal dirigidos talentos. Se a nação em 1828 tivesse feito o seu dever, se todos os portuguezes livres se tivessem juntado aos poucos valentes do Porto, que em 16 de maio atrevidamente alçamos a bandeira da liberdade aos olhos de todo o mundo e a fizemos tremular sobre seus muros, decerto nem elles, nem a nação teriam sido victimas do bruto despotismo, que tão longa e tão duramente nos oppimiu e livres não teriamos sido obrigados a expôr aos olhos da Europa in-

tencia; qual foi o soldado estrangeiro que veio pôr no throno esse despresivel despota, que mais tarde vencemos e castigamos? Sr. presidente, n'este ponto se quizermos fazer accusações, não sei quem ficará innocente! E como é que esta camara, que é mãe carinhosa do povo portuguez, como é que ella de sua defeza natural ha de passar a ser não sei, se algoz, se juiz! Publicaremos uma lei de cathegorias, uns serão tratados como filhos e outros como enteados? Porém os portuguezes todos são nossos filhos, porque eu creio que a camara antes quer ter o nome de mãe do que de madrasta.

Do alto da tribuna eu não vejo senão portuguezes; cidadãos criminosos póde ser que os haja: mas os juizes são quem bem os conhecem, o nosso officio é o de legislador; e este nome declara toda a extensão de nossos deveres e a santidade de nosso ministerio. Accusar e castigar não nos pertence. A nós toca fazer a felicidade dos portuguezes, unir e não dividir, porque é isso o que faz o bom pae de familia.

Então, sr. presidente, se a missão que temos, é tão nobre a nossa obrigação não é destruir, nem proscrever, mas sim consolar, honrar e amparar as desgraçadas victimas da fidelidade e liberdade (da liberdade tambem, porque não ha fidelidade digna de um bom cidadão senão quando elle defende o rei com um principio vital, sem o qual não póde existir o systema representativo constitucional.) E' em consequencia de todos estes principios, que eu julgo que a camara deve n'este gravissimo negocio proceder com toda a justiça, mas com toda a madureza e circumspecção para não augmentar horrores da guerra civil já passada; para que esta camara não fique com o labéo de renovar tantas calamidades, perdendo juntamente a estimação dos povos e o caracter maternal que lhe compete. Esse ministerio das cathegorias não o posso eu exercer e esta camara não quererá que seus membros fiquem na posteridade infamados como *Labourdenaye*: a minha opinião é que nós não temos nada com os nomes, mas só com os principios de justiça que devemos satisfazer, com a liberdade que devemos amparar, com a humanidade que não perdemos, nem devemos violar.

QUESTÕES PARLAMENTARES

I

INDEMNISAÇÕES

1835

ginas, em 8.º francez, 60 reis, pagos no acto da entrega. Assigna-se na empreza editora do *Rocreio*, rua Formosa, 2, Lisboa.

— *Compendio de theologia moral.* —D'esta magnifica obra, do padre João Pedro Gury, da Companhia de Jesus, revisto pelo auctor e annotado por Antonio Ballerini, da mesma, e professor no collegio romano, traduzida da 9.ª edição de Roma, pelo conego Joaquim Paes Sobral, examinador prosynodal, vice-reitor e professor de theologia moral, de lithurgia e de computo ecclesiastico no seminario diocesano de Vizeu, etc., etc., recebemos já a caderneta n.º 16, que, como sempre, continua instruindo muito.

— *A Republica Federal Iberica.*— Temos presente o n.º 2 d'esta obra, protesto do sr. A. A. da Silva Lisboa, e que é bem escripto. Assigna-se no escriptorio da Empreza Litteraria Fluminense, na rua dos Retrozeiros, 185, Lisboa.

ANNUNCIOS

MUITA ATTENÇÃO

PARA um negocio urgente precisa-se de 3:600$000 réis a juros, com hypotheca n'esta cidade de uma propriedade que vale mais de 8 contos de réis.

N'esta redacção se diz.

DEPOSITO DE PÓ DE TIJOLLO

BOA QUALIDADE

Antonio Ferreira Felix Junior, vende-o a 2$500 réis a caixa de 100 tijolos. Cumprem-se pedidos para o paiz e estrangeiro.

Rua Direita, n.os 43 e 47.—AVEIRO

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

se roga queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.º—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.º numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

CAIXEIRO

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e, que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

O ADVOGADO

BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 RÉIS.
Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, Phien em PARIS.

CONTRA O OIDIUM E O MILDIU

ENXOFRE ESTACIO

Este enxofre, que tem dado os mais satisfatorios resultados por toda a parte, onde tem sido experimentado, tem feito as suas provas praticas durante duas estações, e tem sido tal o augmento no seu consumo, que, não obstante ter-se o anno passado ampliada a installação do machinismo preparador, houve necessidade de a augmentar ainda mais, e acha-se hoje provida d'apparelhos importantes e aperfeiçoados, aptos para produzir grandes quantidades de producto perfeitissimo, tanto em pulverisação como em homogeneidade de composição, etc Ninguem deve deixar de uzar o

ENXOFRE ESTACIO

SUBSTITUINDO O ENXOFRE SIMPLES

O qual se tornou insufficiente para o tratamento das vinhas, desde o apparecimento em Portugal do terrivel **Mildiu,** contra o qual o enxofre simples nada pode; emquanto que o **Enxofre Estacio** não só preserva as vinhas ao mesmo tempo do **Oidium** e do **Mildiu,** mas tambem de outros males como o pulgão, a lagosta etc., e robustece as videiras, augmentando e melhorando a sua producção.

O **Enxofre Estacio** custa pouco mais do que o enxofre simples e *applica-se do mesmo modo.*

Remettem-se *gratis* instrucções e attestados a quem os requisitar, e recebem-se encommendas em

LISBOA

FABRICA A VAPOR DA COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO DA MESMA COMPANHIA

PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º

Porto—Sr. Rodrigues, Irmãos.—Rua Nova de S. Domingos.
Santarem—Sr. Joaquim Augusto Xavier Ramos.
Coimbra—Sr. Rodrigues da Silva & C.ª.
Evora—Sr. S. de Brito Vaz Coelho.
Figueira—Sr, Modesto Augusto Martins.
Setubal—Sr. Pinto & Quintans.
Torres Vedras—Viuva de Emygdio José da Costa.
Abrantes—Sr. Manuel Dias Pinheiro.
Borba—Sr. Carlos Miguel Pinto Semede.
Buccellas—Sr. Augusto Freire.
Mafra—Sr. Eugenio Albano Gonçalves.
Bombarral—Sr. José Maria Duarte.
Portalegre—Sr. José Augusto Pina Carvalho.

PADARIA MILITAR DE LISBOA

O conselho gerente da dita padaria faz publico que abre praça na sua secretaria no dia 18 de maio proximo futuro pelas 10 horas da manhã, para a compra de 42:900 kilogrammas de aveia, 593:800 kilogrammas de cevada, 207:300 kilogrammas de fava e 278:200 kilogrammas de milho para consumo dos solipedes fornecidos pelos corpos, suas fracções e estabelecimentos militares constantes do mappa abaixo transcripto, onde vae designado para cada um d'elles o numero de kilogrammas do genero que se pretende adquirir.

Corpos, fracções e estabelecimentos militares		*Generos a arrematar*			
		Aveia k.os	*cevada k.os*	*fava k.os*	*milho k.os*
Succursal da padaria militar	Elvas	14:200	49:000	19:600	19:600
» » »	Porto	—	120:300	40:100	40:100
» » »	Tancos	—	9:000	3:000	3:000
» » »	Vizeu	—	9:000	3:000	3:000
Escola pratica de artilheria	Vendas Novas	—	4:700	1:600	1:600
» » cavallaria	Villa Viçosa	8:400	30:400	13:000	13:000
» » infanteria	Mafra	—	3:000	1:000	1:000
Regimento de artilheria 2	Torres Novas	—	39:700	13:300	13:300
Grupo de baterias d'artilheria 2	Amarante	—	28:800	9:600	9:600
Regimento » 3	Santarem	—	82:100	27:400	27:400
Brigada d'artilheria de montanha	Vianna do Castello	—	7:800	3:200	3:600
Regimento de cavallaria 3	Estremoz	7:900	28:600	11:400	10:900
» » 5	Evora	12:400	45:000	18:000	18:000
» » 6	Chaves	—	23:100	10:000	41:700
» » 8	Castello Branco	—	38:300	8:000	47:300
» » 9	Alcobaça	—	38:300	12:800	12:800
» » 10	Aveiro	—	36:700	12:300	12:300
Somma		42:900	593:800	207:300	278:200

Vinte e quatro horas antes de se abrir a praça serão apresentadas na secretaria do conselho as amostras dos generos que os concorrentes pretenderem vender, cada uma em duplicado, e com o pezo approximado de 3 kilos, todas marcadas com a letra alphabetica indicativa da localidade para onde os generos são destinados, conforme o modelo de que trata o n.º 9 das coedições, as quaes são as mesmas da arrematação realisada em 11 de janeiro do corrente anno, e estão patentes na secretaria do conselho gerente d'esta padaria e dos referidos corpos, fracções e estabelecimentos militares.

Secretaria do conselho gerente da padaria militar de Lisboa em 28 de abril de 1893.

Pedro Euzebio d'Oliveira.
secretario.

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA
RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaese-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos e fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprictarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA
900 a 1:000 GRAVURAS
PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS
Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta
180 réis (10 fasciculos)
ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME
PARA INFORMAÇÕES
BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA
MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO
E NAS LIVRARIAS

PRENSAS E BOMBAS
PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto,* está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker,** no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot,** estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.
O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.º 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.
O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

As pessôas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

DIRECTOR TECHNICO—E. ESTACIO

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE
FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS
CAMPO PEQUENO
ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63
Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100
LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala, e por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

CASA AFRICANA
TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA
TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41
PREGOS D'ARAME
GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDER
ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR
COMPANHIA VICTORIA
Rua das Janellas Verdes
LISBOA

FILTRO CHAMBERLAND
SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

(*)

ACADEMIA DAS SCIENCIAS
PREMIO MONTLOION
SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890
UNICA MEDALHA DE OURO
Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei do 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

PRENSAS PARA AZEITE

A fabrica da Fundição do Ouro, tem promptas algumas prensas para extrair azeite do bagaço da azeitona, as quaes satisfazem a uma pressão de 250:000 kilogrammas, *e pela qual se obtem 2 litros d'azeite de cada ceira, depois de serem compremidas com as varas.*

Vendem-se agora com grande abatimento.

Porto, 22 de dezembro de 1892.
O director gerente da Nova Companhia da Fundição do Ouro,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

dos velhos portuguezes ainda corria em nossas veias e que sabiamos preferir a morte á nossa escravidão e da infeliz nossa patria! A serie de batalhas, do combates e desgraças, em que a nação portugueza por seu valor e admiravel constancia mostrou agora que não ora differente d'aquella heroica nação sempre terrivel e sempre vencedora, convenceu a Europa de que um momento de fraqueza em taes peitos era um enigma, e que os protuguezes que tantas e tão grandes batalhas pelejaram e venceram pela liberdade, eram d'ella dignissimos; porque nos tempos antigos nossos avós não fizeram mais do que nós agora fizemos: e nos tempos modernos talvez egualemos se não excedemos os tão gabados polacos, cujo valor e cuja constancia ninguem creu que podesse jámais ser egualados. Com isto que digo, fica salva a honra da nação, immaculada a sua gloria, e intacta a sua reputação como valente e como guerreira, mas n'este momento solemne e terrivel toda a verdade se ha de dizer. E ai! da nação, se a não quizer ouvir, ai! do deputado se se não atrever a fallar. Quem tem a culpa, quando um povo todo se deixa levar á servidão e á ruina!

Assim foi entre nós! Quem está determinado a pelejar e a morrer, não fica escravo. Para tres milhões de homens não ha no mundo grilhões, que bastem, nem quem lh'os ponha se elle não quer acceital-os e se não offerece voluntario o pescoço e os pulsos! Em 1828 um despota ignobil subiu ao throno portuguez e com a corôa de nossos reis despedaçou a Carta de nossas liberdades. Quem tem a culpa d'isso? Nós que não nos soubemos defender, aquelles que lhe deram uma confiança que elle não merecia, aquelles que não tinham cabeça para entender as cousas, nem coração para amar a liberdade, nem ferro para castigar um tyrannete insolente? Culpada foi a nação, e foram não só os homens que não souberam dirigir a nau do Estado, mas tambem os que os deixaram governar o leme.

Quem mais culpado na usurpação do que os ministros, que em 1826 e 1827 tendo confiada e entregue ás suas mãos a liberdade da monarchia, a deixaram sacrificar sem resis-

teira, confusa e envergonhada, o espectaculo lastimoso de nossas miserias, de nossas vergonhas e de nossa cobardia!

Quem havia de dizer então que os desertores e os profugos de 1828 eram descendentes dos Castros e Albuquerques? De que nos podemos queixar com justiça? Se até os mesmos soldados do tyranno mostraram mais valor na defensão de seu amo, do que nós na da patria e da liberdade! Quem senão esses escravos nos levou á ponta de bayoneta desde os Marouços até á Portella do Homem? E nós que não voltamos o passo para os fazer arrepender, e para mostrarmos ao mundo que eramos dignos da liberdade e que sabiamos combater e não fugir; nós temos a ousadia de accusar os escravos que pelejaram pelo tyranno e fizeram por elle o que nós não fizemos pela patria. Sejamos justos porque o mundo viu-nos; e a posteridade está para nos sentenciar: á nossa vergonha d'então não juntemos a nodoa de nossa justiça de agora. Sr. presidente, n'esta Camara existem muitos patriotas distinctos que foram levados aos paizes estrangeiros, digam elles qual era a opinião que na Europa se formava dos portuguezes depois dos desastres do Porto, e se nós não merecemos bem a censura de lord Byron, quando publicou que os portuguezes eram os mais vis d'entre os escravos! E como podemos nós ganhar o amor e a admiração do mundo civilisado, como podemos nós lavar a nodoa da nossa fraqueza senão depois que esses valentes ensinados pela desgraça, atravez do bloqueio inglez e dos bloqueios portuguezes, e atravez de todos os perigos foram juntar-se n'essa ilha para sempre famosa, aonde fizeram fluctuar a bandeira da liberdade; senão depois que em 4 de outubro bateram numerosos bandos de rebelados, e disseram a esses miseraveis, quereis ser escravos? Pois nós temos forças para ser livres e para vos darmos a liberdade a vós tambem. A nota de nossa fraqueza apagou-se sobretudo depois que esses duzentos heroes da Villa da Praia em 11 d'agosto se atreveram sós a destruir um exercito de 50 mil homens escolhidos, e uma das mais poderosas esquadras que ha muito sahiram do Portugal? Desde então entendeu a Europa, que se tinhamos commettido uma fraqueza, o sangue

DISCURSO

DE

MANUEL PASSOS

NA

SESSÃO DA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DE 28 DE JANEIRO DE 1835

Sr. presidente, ainda ha pouco disse eu n'esta assembléa, que a questão das indemnisações era uma das mais graves que se podiam apresentar á deliberação dos representantes da nação. Nunca tão grande responsabilidade pezou talvez sobre os deputados de algum povo da terra. E esta só consideração deve aterrar as nossas consciencias, ou despertar ainda mais a nossa sollicitude, para que a negocio tão ponderoso demos a attenção que elle merece e não nos deixemos arrastar por outro principio que não seja o amor da justiça e da felicidade do nosso paiz. A Camara felizmente está concorde em praticar um grande acto de justiça. Não ha aqui nenhum deputado, que sinceramente não deseje tornar effectivo o principio das indemnisações. Os patriotas que sacrificaram as suas fortunas, que expozeram as suas familias, que lançaram as suas cabeças ao cadafalso, teem direito a que a patria a elles ou a seus filhos lhes satisfaça uma divida tão grande. E eu estou certo de que elles hão de obter justiça inteira dos representantes da nação portugueza; todos nós fomos soldados da liberdade e ou a servimos a ella, ou fomos victimas da tyrannia: é por isso que eu ardentemente desejo